ISSN 2359-053x

ANO 8 - NÚMERO 100 - FEV 2023

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 30

100 EDIÇÕES 1000 GRATIDÕES

Foto: Alan Azevedo/ISA

QUE SERÁ DOS YANOMAMI?

p. 08

AMAZÔNIA
Ouro sobre Sangue Indígena
p. 16

MEMÓRIA
Uma carta para Jaime Sautchuk
p. 30

SUSTENTABILIDADE
Merecemos ainda continuar sobre a Terra?
p. 46

JUNTOS A GENTE FAZ O FUTURO BRILHAR

EXERCITE SUA SOLIDARIEDADE!

Sua contribuição vai ajudar famílias e crianças em situação de vulnerabilidade por meio de 25 projetos nas áreas de cultura, esporte, educação e segurança alimentar.

CONHEÇA A CAMPANHA E FAÇA SUA DOAÇÃO!

Aponte a sua câmera para o QR Code e doe via PIX:
CNPJ 34.267.237/0001-55
Federação Nacional das Associações do Pessoal CEF

Ou doe via transferência bancária: Agência: 1041, Op.: 003, CC: 50174-4
Federação Nacional das Associações do Pessoal CEF

FENAE APCEF ONG MORADIA E CIDADANIA Criada pelos empregados da CAIXA

Uma revista pra Chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação. Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário.

Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também. Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, ele escolheu (eu queria verde-floresta). Fizemos a primeira edição da Xapuri lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Já voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir.

Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, "de grátis". A próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial. Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar cada conselheiro/a pessoalmente (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. "O mais sabido de nóis," segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a Xapuri 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Outras 19 edições e cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da Xapuri, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você queria, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.

Zezé Weiss

Foto: Ana Paula Sabino

P.S. Você que nos lê pode pode fortalecer nossa Revista fazendo uma assinatura:
www.xapuri.info/assine
ou doando qualquer valor pelo PIX:
contato@xapui.info.
Gratidão!

ENFIM, 100!

Enfim, 100! São 100 edições da nossa *Revista Xapuri*, são 100 meses na estrada da resistência socioambiental, gente!

Era pra ser uma edição especial, com depoimentos, fotos lindas, e muitas das matérias mais lidas ao longo da nossa caminhada, uma revista dedicada a celebrar nossas conquistas com amor e alegria.

De certa maneira, ainda é. Mas veio essa trágica crise humanitária enfrentada pelos Yanomami, e a gente optou, então, por priorizar contar um pouco da história da tragédia Yanomami, com textos-denúncia de Darcy Ribeiro e Carlos Drummond de Andrade, ainda dos anos 1970, e de Severo Gomes, ao final dos anos 1980.

Do etnólogo Bruce Albert, emprestamos uma apresentação do povo Yanomami. Da fotógrafa Claudia Andujar, tomamos por empréstimo (na confiança) o depoimento emocionante sobre sua convivência com os Yanomami, além de muitas fotos. Fechamos a cobertura com matéria minha, descrevendo um pouco essa luta na floresta dos anos 1990 pra cá.

Optamos por deixar de fora, apenas por limitação de espaço, matérias da cobertura mais recente da tragédia Yanomami – e das soluções que estão sendo buscadas para salvar este e outros povos da floresta, por haver hoje ampla informação disponível nas redes sociais.

Decidimos completar a edição com os temas variados de sempre, além de uma pequena homenagem à jornalista Glória Maria, recém-encantada, e à nossa amada Conselheira Iêda Vilas-Bôas, que partiu do espaço físico deste nosso mundo em abril de 2022.

O destaque, entretanto, vai para as duas matérias em memória do Jaime: "Uma carta para Jaime Sautchuk", do professor Altair Sales Barbosa, e "A Vida é Dez", texto de despedida da filha e dos filhos do Jaime, fundador, junto comigo, da *Revista Xapuri*, e nosso editor-chefe até o seu encantamento, em julho de 2021.

No mais, é só agradecer. Celebramos nossas cem edições com mil gratidões para cada qual de vocês que, junto conosco, fazem a Xapuri acontecer.

Boa Leitura!

Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-V: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

> ***Nós vamos acabar com o garimpo em terras indígenas. Que ninguém duvide disso!***
>
> Presidente Lula

COLABORADORES/AS - FEVEREIRO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Ana Paula Sabino –** Jornalista. **Bruce Albert -** Etnólogo. **Claudia Andujar –** Fotógrafa. **Carlos Drummond de Andrade –** Poeta (*in memoriam*). **Carlos Emanuel Sautchuk –** Sociólogo. **Darcy Ribeiro –** Antropólogo (*in memoriam*). **Emir Bocchino –** Designer. **Emir Sader –** Sociólogo. **Iêda Leal –** Professora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora (*in memoriam*). **Igor Strochit –** Designer. **Iolanda Rocha –** Professora. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **João Miguel Sautchuk –** Sociólogo. **José Bessa Freire –** Indigenista. **Leonardo Boff –** Escritor. **Lúcia Resende –** Professora. **Maria Maia –** Poeta. **Maria Rosa Sautchuk –** Advogada. **Zezé Weiss –** Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista (*in memoriam*).
Zezé Weiss – Jornalista. **Ailton Krenak –** Escritor. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Ana Paula Sabino –** Jornalista. **Andréa Luísa Teixeira –** Professora. **Andrea Matos –** Sindicalista. **Ângela Mendes –** Ambientalista. **Antenor Pinheiro –** Jornalista. **Binho Marques –** Professor. **Cleiton Silva –** Sindicalista. **Edel Moraes -** Ambientalista. **Eduardo Meirelles -** Jornalista. **Elson Martins –** Jornalista. **Emir Bocchino -** Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader –** Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues –** Advogado. **Graça Fleury –** Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) –** Poeta. **Iêda Leal –** Educadora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora (*in memoriam*). **Iolanda Rocha -** Professora. **Jacy Afonso –** Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira –** Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire –** Escritor. **Júlia Feitoza Dias –** Historiadora. **Kleytton Morais –** Sindicalista. **Kretã Kaingang -** Líder Indígena. **Lucélia Santos –** Atriz. **Lúcia Resende –** Revisora. **Maria Maia -** Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima –** Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto -** Diplomata. **Trajano Jardim –** Jornalista.

CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. **Eduardo Pereira –** Produtor Cultural. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **Joseph Weiss –**Economista.

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 100

FEV 23

08 **CAPA**
Que será dos Yanomami?

14 **YANOMAMI**
Os Yanomami do Brasil

16 **AMAZÔNIA**
Ouro sobre sangue indígena

21 **YANOMAMI**
Yanomami: Um povo inteiro sofrendo as feridas

24 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Entre a dor e o esperançar

29 **HOMENAGEM**
Glória Maria

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

30 **MEMÓRIA**
Uma carta para Jaime Sautchuk

35 **MEMÓRIA**
No Cerrado tem

36 **HISTÓRIA SOCIAL**
Ivo Barbieri: o sabor da leitura

42 **POLÍTICA**
Comemorar o golpe de 1964 é crime contra a democracia

43 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Humanidade e sub-humanidade

46 **SUSTENTABILIDADE**
Merecemos ainda continuar sobre a Terra?

48 **MEMÓRIA**
A vida é dez!

QUE SERÁ DOS YANOMAMI?

Darcy Ribeiro

A grande dor, o desconsolo sem remédio, a tragédia atroz e quanta expressão verbal exista mais do sofrimento mais sofrido empalidecem frente a este feixe de fotografias. Claudia Andujar captou e nos dá aqui na límpida simplicidade desse espelho da dor, que é a cara humana, o retrato inteiro do drama Yanomami.

Crianças que esperam a morte mamam, tateiam, tocam mães amáveis que olham desenganadas o fluir do tempo derradeiro. Meninos arqueiam, preguiçosos, gozosos, seus corpos flexíveis. Verdes corpos já marcados de cicatrizes. Homens perplexos, que viram morrer quase todos os seres que amavam, parecem perguntar por que ainda vivem. Por quê?

Que desgraça caiu sobre esse povo indígena da floresta virgem que assim os dilacera e dizima? Essa desgraça tem um nome conhecido, um nome de enfermidade contagiosa, mortal: é civilização!

Claudia nos põe diante de mais um testemunho objetivo, inobjetável, de como a civilização se expande virulenta. Os Yanomami vivem – e disto morrem – uma instância mais desse processo feroz de desfazimento e refazimento do humano.

Em sua expressão inexorável, os homens perdem a inocência, a alegria e singularidade que guardaram ao longo de milênios de existência igualitária para, desfeitos, transitar da tribalidade para a civilização. Para quê? Para nada!

Sim, isso sucedeu a nós, humanos. Desde alguns milhares de anos, em muitos lugares da Terra, alguns povos começaram a edificar cidades. Com elas, e por elas, bipartiram a condição humana, desde sempre unitária, em dois gêneros irredutíveis de existência: o citadino e o camponês.

Simultaneamente segmentaram a sociedade, até então solidária, em classes sociais antagônicas e diferenciaram seu patrimônio cultural comum e coparticipado, em um componente erudito, dominado por muito poucos, e em outro vulgar, das multidões.

Nesse novo caminho, o humano desabrochou realizando muitas de suas peculiaridades. Mas perdeu atributos e qualidades preciosas, que desde então sonha recuperar nas utopias mais generosas. A busca da beleza, por exemplo – que antes comovia a todos os homens e a todos dava satisfação no esforço, acessível a qualquer um, de

expressar-se belamente em tudo que fazia –, se transcendeu.

Passou, pouco a pouco, a ser uma atividade especializada de artistas profissionais, cujas criações singelas de peregrina beleza muitos poucos têm capacidade de apreciar e muito menos de adquirir.

A fartura da vida em comunidades voltadas para o esforço de reproduzir coletivamente suas frugais condições de existência deu lugar a formas requintadíssimas de vida faustosa para uns poucos, no meio da penúria generalizada.

A condição singular de cada homem, como ser individual e inconfundível, deu lugar a multidões incontáveis de homens sem cara que se veem e se ignoram, ou se tratam uns aos outros como categorias ou como componentes de distintos rebanhos.

O mais espantoso, porém, é que tudo isso se fez tão sofridamente para depois se desfazer, segundo tudo indica, numa sociedade não terminal, mas futura, que, voltando à condição primitiva das comunidades sem classes, devolveria aos netos dos nossos netos um pouco do que tiveram seus antepassados mais remotos. Para quê? Para nada!

Os Yanomami vivem uma das derradeiras instâncias desse processo. Tamanho foi o êxito de seu último ciclo – protagonizado pela civilização europeia-ocidental-cristã – que no seu curso se desfizeram as milhares de caras em que se encarnava a humanidade prístina.

Resta delas o que resta dos Yanomami e de uma dezena mais de povos arredios, escondidos nos ermos das matas mais recônditas do planeta. Do fundo de seus refúgios, esses povos inviáveis olharam para cima da fronte das árvores e viram, para além do andar mais alto dos pássaros que voam, as espantosas aves de asas rígidas que sobrevoam, perquiridoras, as suas aldeias.

Também viram chegar por terra, afanosamente, subindo dos grandes rios que eles evitam como rotas muito frequentadas

por tribos inimigas, uma raça de homens novos. Perceberam logo que eram gentes ferozes e diferentes. Uns brancos demais, outros pretos demais, todos envoltos em panos e muitos armados de mortíferos paus tonitruantes. Atrás deles chegaram homens mansos de gestos, mas com a boca cheia de verdades veementes. Para civilizá-los! Para salvá-los!

Coincidindo com a chegada de uns e outros, caiu sobre os Yanomami a hecatombe das dores invisíveis, das mortes inenarráveis. Eram agentes da civilização que se antecipavam a ela, representadas pelas pestes brancas, desconhecidas até então.

Umas arrombam os peitos de tosse e catarro. Outras cegam os olhos de dodói e gonorreia. Ainda outras apostemam a pele de sarampo e varíola. Outras, ainda, apodrecem e caruncham os dentes de cáries.

Com elas vieram, também, as que estiolam e esterilizam e fenecem os sexos dos homens e das mulheres. Para onde foi – eles se perguntam apavorados – o poder da floresta virgem que por todos os tempos protegeram o seu povo preferido, os Yanomami?

Que sucedeu com a potência incontestável dos antigos pajés, capazes desde sempre de prever e evitar desgraças e de curar todas as doenças? Nada podem já os espíritos, desmoralizados, talvez até mortos, como os homens. Nada podem também os pajés. Nem os novos homens oferecem nenhum remédio eficaz contra a dor e a morte que chegaram com eles.

E tudo isso é só o começo. Piores são as coisas que já sucederam e de que os Yanomami nada sabem. Um longínquo senhor, todo poderoso, decidiu já que eles não necessitam nem merecem um território contínuo para continuarem vivendo como sabem viver, os que sobreviverem, na mata em que sempre viveram.

Ele determinou que aos índios Yanomami fossem dados dezesseis lotes de floresta virgem, separados uns dos outros não no mundo das coisas, mas no mundo das leis.

Graças a essa providência previdente, agentes da nova gente entrarão como donos pelas terras que ficarem entres os lotes, a fim de abater as matas, queimá-las, convertê-las em pastagens e chamar para elas novos habitantes bovinos. [Felizmente essa profecia não se concretizou, mas, por outro lado, as aldeias foram invadidas pelo garimpo, trazendo miséria e morte para os Yanomami].

Assim será, até que se convertam os lotes Yanomami em minúsculas ilhas no meio da branquitude civilizatória. Para quê? Por quê? Ignoro. Só sei que no Brasil de hoje, por algum critério misterioso, o fato de os Yanomami viverem há milhares de anos naquelas matas não lhes gera direito algum de nelas permanecerem.

Sei também que a sociedade nacional que se expande sobre os Yanomami, sendo regida pela lei da pecúnia, aprecia mais o gado bovino do que a gente humana. Tanto que, entre criar mais algumas fazendas latifundiárias na floresta abatida ou reservar para os brasileiros do próximo milênio uma mostra intocada da natureza amazônica – dando ao mesmo tempo o espaço e o tempo de que necessitam para se adaptar às condições de vida que lhe são impostas – preferiram a expansão latifundiária.

Estou seguro de que amanhã muitos brasileiros vão corar de vergonha por terem tido ontem – hoje, quero dizer – antepassados tão brutos como nós. Temo também que muitos homens humanos no mundo inteiro já estejam nos olhando assustados. Por que tanta violência contra índios indefesos? Qual é a fonte de tanto desamor aos homens? Que será dos Yanomami?

Darcy Ribeiro –Antropólogo, escritor, historiador, sociólogo (1922–1997). Texto encontrado em Claudia Andujar: a vulnerabilidade do ser, 2005. Título original: "Um depoimento sobre os índios Yanomami". Publicado pela primeira vez em "Frente ao eterno: uma vivência entre os índios Yanomami", 1978.

Fotos: Todas as fotos que ilustram esta matéria são de Claudia Andujar, fotógrafa e militante em defesa dos Yanomami, citada por Darcy Ribeiro no corpo da matéria.

CLAUDIA ANDUJAR: OS YANOMAMI EM MINHA VIDA

Claudia Andujar

"A vida dos Yanomami não se limita mais às longas estadas e viagens na floresta, noites repletas de conversas e discursos na grande maloca comunitária, sob o luar de milhares de estrelas. Hoje incorporam à sua vida a escola bilíngue, asassembleias indígenas, os imensos problemas causados pela invasão garimpeira e suas consequências, as doenças."

"Claudia Andujar: a vulnerabilidade do ser", 2005.

Minha relação com os Yanomami, fio condutor de minha trajetória de fotógrafa e de vida, é essencialmente afetiva. Esse sentimento, ao longo do tempo, levou-me a compartilhar meu tempo de fotógrafa com atividades em defesa dos direitos territoriais e de sobrevivência desse povo. Uma tarefa árdua e que requer muita perseverança.

Nos anos [19]70 e 80, passei muito tempo entre eles. Desenvolvi um trabalho intimista sobre seu cotidiano. Agora, depois de quase duas décadas de empenho quase exclusivo na defesa de seus direitos, sinto a necessidade de me abstrair e sintetizar esse trabalho fotográfico que vivenciei tão intensamente.

Procuro apresentar o sentido de compromisso e lealdade que perpassa toda a minha relação com eles (...). Faço como os Yanomami, que estão elaborando seus mitos, justificando-os, retrabalhando continuamente a oralidade de sua história, para ajustá-la ao novo, aos tempos de hoje.

A adaptação de uma cultura como aquela dos Yanomami, um povo de recém-contato com um mundo que não é deles, é um processo delicado e lento, é um repensar do sentido do universo e da vida.

Claudia Andujar – Fotógrafa. Nascida na Suíça, em 1931. Perdeu o pai nos campos de concentração do nazismo. Em 1948, imigrou para Nova York, onde estudou Humanidades. Chegou a São Paulo em 1955. Naturalizou-se brasileira em 1976. Entrou em contato com os indígenas pela primeira vez em 1958, na ilha do Bananal, terra dos Karajá, por sugestão de Darcy Ribeiro. Entre 1966 e 1971, colaborou com a revista Realidade. Em 1971, uma edição especial da revista Realidade sobre a Amazônia a conduziu até os Yanomami. Em 1978, após ser enquadrada na lei de Segurança Nacional pelo governo militar e ser expulsa do território indígena pela Funai, retornou a São Paulo e organizou um grupo de estudos em defesa da criação de uma área indígena Yanomami. Esse foi o embrião da ONG Comissão pela Criação do Parque Yanomami, CCPY (depois denominada Comissão Pró-Yanomami), criada por Claudia e pelo missionário leigo italiano Carlo Zacquini, que denunciou as ameaças à sobrevivência dos indígenas, em consequência do contato com os brancos, e promoveu uma forte campanha pela demarcação da terra indígena Yanomami, que finalmente ocorreu em 1992. (Fonte: Wikipedia). O texto de Claudia faz parte do livro "Claudia Andujar: a vulnerabilidade do ser", 2015.

OS YANOMAMI DO BRASIL

Bruce Albert

Foto: Divulgação/Funai

Os Yanomami do Brasil constituem uma sociedade de caçadores-coletores e agricultores de coivara que ocupa um espaço de floresta de aproximadamente 260 mil quilômetros quadrados, nas duas vertentes da serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco (no sul da Venezuela) e a margem esquerda do rio Negro (no norte do Brasil).

Formam um vasto conjunto linguístico e cultural isolado, subdividido em várias línguas e dialetos aparentados. Sua população total é estimada em mais de 33 mil pessoas, repartidas entre cerca de 640 comunidades, o que faz deles um dos maiores grupos ameríndios da Amazônia que conservam em larga medida seu modo de vida tradicional.

No Brasil, o território yanomami, homologado em 1992, com o nome de Terra Indígena Yanomami, estende-se por 96.650 quilômetros quadrados no extremo norte da Amazônia, ao longo da fronteira com a Venezuela. Conta com uma população de aproximadamente 21.600 pessoas, repartidas em pouco menos de 260 grupos locais.

Cada uma dessas comunidades é em geral formada por um grupo de parentes cognáticos cujas famílias estão idealmente unidas por laços de intercasamento repetidos por duas ou mais gerações, e que reside em uma ou várias casas comunais de forma cônica ou troncônica.

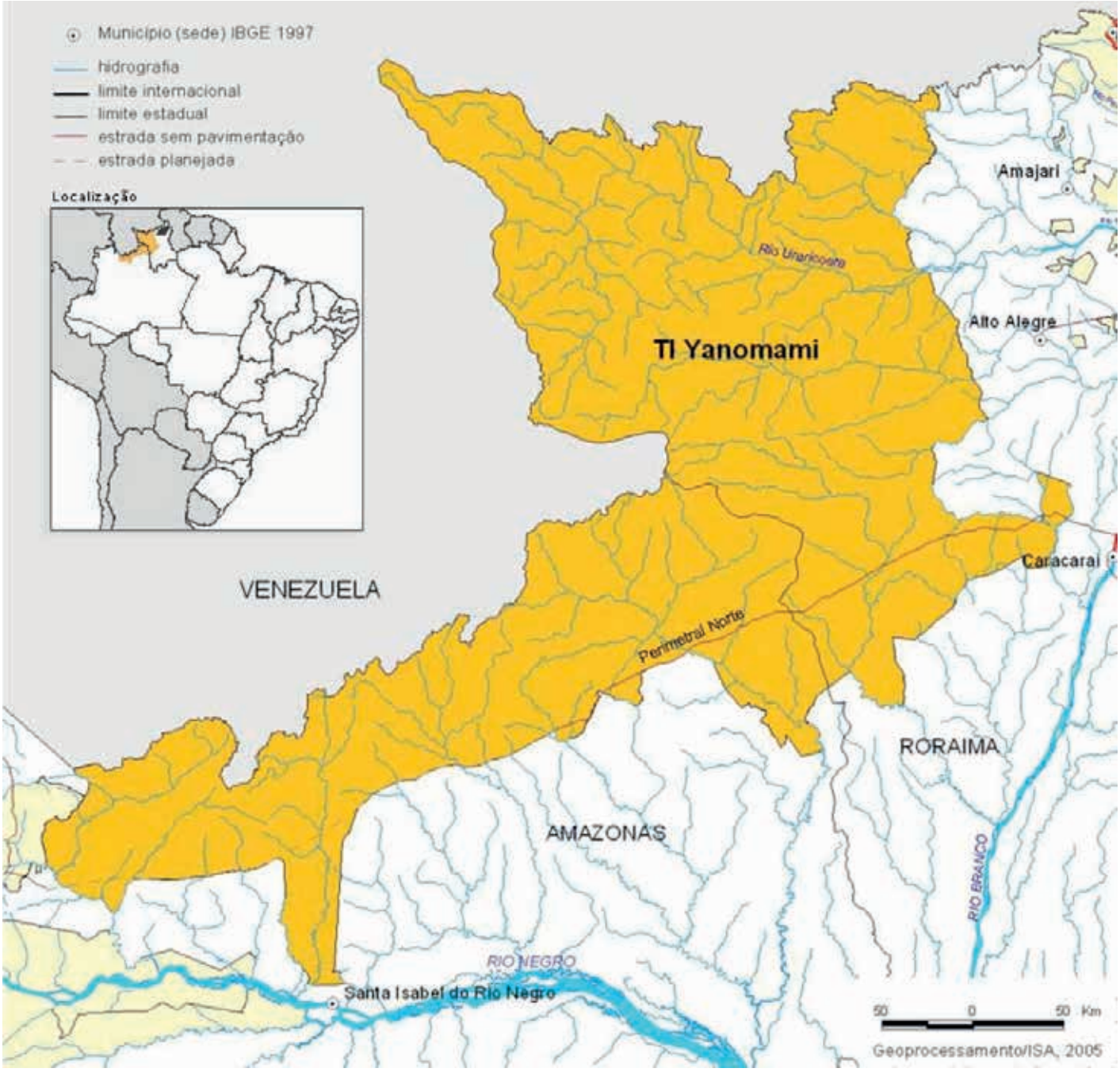
Os primeiros contatos, esporádicos, dos Yanomami do Brasil com os brancos, coletores de produtos da floresta, viajantes estrangeiros, militares das expedições da demarcação de fronteiras ou agentes do SPI [Serviço de Proteção aos Índios]

datam do início do século XX. Entre as décadas de 1940 e 1960, algumas missões (católicas e evangélicas) e postos do SPI se instalaram na periferia de suas terras, abrindo assim os primeiros pontos de contato regular, fontes de obtenção de bens manufaturados e de vários surtos de epidemias letais.

No início da década de 1970, esses primeiros avanços da fronteira regional seriam bruscamente intensificados, primeiro pela abertura de um trecho da Perimetral Norte ao sul das terras yanomami em 1973 e, passados dez anos de trégua, com a irrupção de uma corrida pelo ouro sem precedentes em sua região central, em 1987. A construção da estrada foi abandonada em 1976, e a invasão dos garimpeiros, relativamente contida a partir de meados da década de 1990.

Entretanto, intensas atividades de garimpo foram detonadas nestes últimos anos e, além disso, a integridade da Terra Indígena Yanomami vem sofrendo novas ameaças, tanto de companhias mineradoras como da frente agropecuária local, interessadas em expandir suas atividades no oeste do estado de Roraima.

Bruce Albert – Etnólogo, em *A Queda do Céu – Palavras de um xamã Yanomami* – Davi Yanomami e Bruce Albert. Companhia das Letras, 2010.



Mapa: © ISA Instituto Socioambiental

OURO SOBRE SANGUE INDÍGENA

Zezé Weiss

Foto: Dovulgação/ Colin Jones/Survival

Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós.

Claude Lévi-Strauss, 1993

O céu desabou para os Yanomami pela primeira vez na década de 1970, quando a sanha expansionista do regime de exceção implantado pela ditatura militar (1964–1985) resolveu, a ferro e fogo, destruir as florestas verdes da Amazônia para, em seu lugar, implantar insustentáveis projetos de agropecuária.

Foi também na década de 1970 que o Brasil ouviu falar do seu povo originário mais numeroso e ao mesmo tempo mais ameaçado na fronteira norte do País. Em 2 de agosto de 1989, em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, com o título "Não deixem acabar com os yanomami", o poeta Carlos Drummond de Andrade denuncia a tragédia e pede socorro para o povo Yanomami:

Yanomami. Talvez você nunca tenha ouvido falar nesse nome. Pois saiba que é o nome genérico de cerca de 8400 brasileiros, gente boa que vive em 203 cabanas, no interior da floresta tropical, bem na fronteira com a Venezuela. Formam 14% da população de Roraima e encontram-se ainda no Amazonas.

Os Yanomami correm no momento um grande risco e estão precisando de você. Não é necessário voar até lá para ajudá-los. Basta, primeiro, que você tenha conhecimento da existência deles, do modo de viver que lhes é peculiar, e da situação que enfrentam, sem garantias e sem possibilidade de autodefesa. De posse desses dados, cabe a você interessar-se pelo projeto de um grupo de antropólogos, juristas, médicos e jornalistas, que visa a proteger a vida pacífica dos Yanomami, nos locais que habitem e dentro do tipo de cultura que é tradicionalmente o deles.

Este projeto, ou anteprojeto, pois é obra séria de particulares, foi encaminhado ao ministro do Interior, Mário Andreazza, no último dia 28 de julho. Precedido de rigoroso estudo científico do problema, propõe ele a criação do Parque Indígena Yanomami em área comum ao Território de Roraima e ao estado do Amazonas, onde vivem esses brasileiros.

Esta é a única maneira de salvar a comunidade social e cultural desses homens, mulheres e crianças que desde 1974 vêm sofrendo as consequências do processo de expansão econômica da Amazônia em sua parte negativa, sem se beneficiar com as suas possíveis vantagens.

A abertura da Perimetral Norte, BR-210, sem os necessários cuidados de saúde, levou àquela região gripe, sarampo, tuberculose, moléstias da pele e doenças venéreas.

Nos primeiros cem quilômetros do trecho Caracaraí-Içana, 13 aldeias indígenas, mapeadas em 1970, e registradas em 1972 por levantamento aero-fotográfico do Projeto Radam-Brasil, reduziram-se a 8 míseros grupinhos de doentes à beira da estrada, segundo levantamento da Funai em 1977. Missionários em atividade atenderam a 4.596 enfermos durante 38 meses, antes da chegada dos primeiros trabalhadores da estrada. Em igual período, após o avanço da rodovia, o número subiu para 18.888. Em três anos, as infecções virais multiplicaram-se por oito.

O garimpo irrompeu como outra modalidade de doença, subtraindo dos Yanomami mais de 150 toneladas de cassiterita. Os índios reagiram, houve conflitos e as autoridades fizeram recuar os garimpeiros, interrompendo-se as obras da Perimetral Norte. De tudo isso resultou o saldo de morte dos indígenas.

Em 1978, é a Cia Vale do Rio Doce, que devia ficar quieta em Itabira, Minas, cuidando de seus interesses locais, que se apresta para extrair a cassiterita, antes explorada ilegalmente pelos garimpeiros. Anuncia-se a próxima chegada de 300 funcionários da empresa, sem que se cogite de vacinação prévia dos 3.800 Yanomami. E a Perimetral Norte vai prosseguir, fornecendo espaço à colonização. Topógrafos percorrem o Território Yanomami, demarcando lotes em terras insofismavelmente pertencentes aos índios.

A Funai, por meio de quatro portarias (oi, Ministro Beltrão, que não fique nas cidades a sua guerra contra a burocracia), reconhece aos Yanomami o direito a 31 áreas esparsas e diminutas, autênticas "ilhas" perdidas na terra que sempre ocuparam. 2/3 dessa terra, em forma de corredores, cercam e ameaçam as pobres áreas onde se refugiam os 3.800 donos do solo. O esfacelamento da unidade territorial, com destruição do ambiente

Foto: Divulgação/ Agência Brasil

ecológico, acaba praticamente com o grupo étnico, sujeitando-o a inúmeras pressões e vexames de toda sorte.

Única maneira de conciliar econômicos e tribais é a criação do Parque, em área aproximada de 6,4 milhões de hectares, mantendo-se a integridade econômica, social e cultural dos Yanomami.

Não se pede muito. Nem se pede o indevido. Pretende-se tão só conseguir que essa gente humilde continue a caçar, pescar e levar a vida, dentro de seus padrões tradicionais, direito que lhe é reconhecido pelo Estatuto do Índio, ao estabelecer:

"Considera-se posse do índio ou silvícola a ocupação efetiva da terra que, de acordo com os usos, costumes e tradições tribais, detém, onde habita ou exerce atividade à sua subsistência ou economicamente útil". Entenda-se que Índio precisa renovar o potencial vegetal nas imediações das malocas, rapidamente esgotado; cuidar do reaproveitamento periódico das roças velhas, para a colheita de produtos de ciclo longo; e finalmente desloca-se das aldeias após certo tempo. É da natureza deles, e não se pode confiná-los em faixas estreitas e insubstituíveis de terra.

Há inúmeros argumentos em favor da criação do Parque; não caberiam nesta coluna. Mas a consciência dos brasileiros há de reconhecer facilmente que os Yanomami têm o direito de viver sua própria vida onde estavam, sem perturbar o desenvolvimento nacional e sem serem perturbados por ele. Você ajudará esse povinho interessando-se pelo problema e juntando sua voz aos que pedem ao Governo uma decisão sábia, humana e legal.

Os Yanomami são uma gente alegre, irrequieta, de vida espiritual rica (um princípio vital, nos ossos do indivíduo e um princípio imortal, dentro do homem, libertado pela cremação e ascendendo à terra das almas). Claudia Andujar, que os conhece bem, pois viveu com eles longo tempo, recolhendo lindas imagens fotográficas, pode falar com autoridade sobre eles. Yanomami é gente como a gente. Vamos forçar para que não acabem com esse povo em nome do progresso.

O INFERNO BAIXA À TERRA

Embora o regime militar tenha fracassado na tentativa de isolar os Yanomami – e os demais povos indígenas da Amazônia – em pequenas ilhas verdes, cercadas em todos os lados por imensas áreas desmatadas, o inferno do garimpo vicejou nos anos 1970 e 1980.

Nos anos 70, com a abertura da Rodovia Perimetral Norte, pelo regime militar, aldeias inteiras foram dizimadas no extremo norte da Amazônia. Entre os indígenas Yawarip, um subgrupo Yanomami, quem sobreviveu ao contato virou mendigo na beira da estrada.

Nos anos e décadas seguintes, o garimpo passou a impactar tudo. Os xapiri, que desde tempos imemoriais sempre seguraram o céu, protegendo e cuidando das árvores, dos rios, das montanhas, dos locais sagrados, da cultura, da vida e dos pajés Yanomami, perderam poderes para o caos instalado pelo garimpo.

De onde vem tanta tragédia e tanto caos? Os Yanomami acreditam que o garimpeiro quando mexe com a terra libera as xawara, as doenças que Omama, o criador de todos os seres, enterrou no solo da floresta.

Os pajés falam que as montanhas, os rios e as florestas não estão mais aguentando o que o garimpo está fazendo com a natureza. Os pajés dizem que é por conta do garimpo que as doenças do branco chegam e eles não conseguem mais curar seus povos das doenças dos brancos, nem proteger a floresta da mais grave das enfermidades: a fome.

Os pajés também dizem que o

Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real

Foto: . © Oscar Márquez/ Venezuelan Interministerial Commission on Haximu

garimpeiro faz como o tatu, vai cavando buraco e retirando pedras. Depois, ele usa uma máquina chamada de "moinho" para triturar as pedras. Para achar o ouro, esse material triturado é lavado com mercúrio. Depois o garimpeiro joga esse resíduo nos igarapés e nos rios.

Envenenadas, as águas barrentas dos rios estinguem qualquer chance de vida. Os peixes sucumbem, os mosquitos da malária proliferam, o alimento acaba e o Yanomami, fraco das doenças e consumido pela dor da fome, morre. Assim contam os pajés.

Em 18 de junho de 1989, o então Senador Severo Gomes publicou na Folha de São Paulo uma nota-resumo desse quadro trágico:

A pista de pouso de Paapiú parece um cenário da Guerra do Vietnã. Um avião pousa ou decola a cada cinco minutos. Uma ronda incessante de helicópteros sobrevoa a floresta [...] O Posto da Funai está abandonado. Seringas e medicamentos estão amontoados em desordem, misturados a latas de cerveja vazias. O registro dos tratamentos é folheado pelo vento. O rádio desapareceu [...]. Os Yanomami estão abandonados aos garimpeiros. O ronco dos motores só para após o anoitecer. Então – me diz um idoso – nós escutamos um ruído muito pior: o de nossas crianças chorando de fome.

O MASSACRE DE HAXIMU

Em 1992, depois de mais de uma década de luta do povo Yanomami, com o apoio de lideranças expressivas da sociedade brasileira, o governo federal demarcou a Terra Indígena Yanomami. Foi feita a desintrusão do território Yanomami, com a retirada de mais de 40 mil garimpeiros.

Em algumas regiões, o garimpo resistiu. E reagiu.

No ano de 1993, garimpeiros do ouro assassinaram pelo menos dezesseiss Yanomami da comunidade de Haximu, no estado de Roraima, próximo à fronteira com a Venezuela. O ataque, conhecido como "Massacre de Haximu", ocorreu de surpresa, no início da manhã, quando a maioria dos homens adultos já estavam fora da aldeia.

Os garimpeiros atiraram em mulheres, crianças e anciãos, e mataram um bebê com um facão. Antes de irem embora, colocaram fogo na aldeia. Os indígenas que sobreviveram contam que muita gente morreu queimada pelo fogo, pelo menos 73.

O Massacre de Haximu ganhou repercussão internacional. Jornais como o *New York Times* anunciaram a chacina como uma tentativa de extermínio. Houve grande mobilização social pela punição dos assassinos. Deu algum resultado: Haximu foi o primeiro e único crime julgado como genocídio no Brasil.

Mas, dos 23 garimpeiros envolvidos na chacina, apenas cinco foram condenados por genocídio. Ficaram 14 anos presos. E, no ano de 2011, todas as penas foram extintas e todos os condenados foram soltos. Alguns voltaram a operar dentro da Terra Indígena.

GARIMPO POR TODA A AMAZÔNIA

Uma nova corrida do ouro intensificou-se na Amazônia desde a posse do ex-presidente Bolsonaro, em 2019. Só em Roraima, estima-se que existem hoje mais de 30 mil garimpeiros, a maioria deles em território Yanomami. Mas o garimpo expandiu, de forma cruel e criminosa, por toda a Amazônia.

Hoje, as terras indígenas que mais sofrem com a ação criminosa do garimpo ilegal do ouro são: Kayapó e Munduruku, no estado do Pará, e Yanomami, em Roraima e no Amazonas. Juntas, essas três terras indígenas ocupam uma área equivalente à do Estado de São Paulo. É nesse imenso território verde que estão alguns dos trechos mais preservados da floresta amazônica.

A terra indígena mais atingida é a do povo Kayapó, no sul do Pará. Imagens de satélite mostram que, entre 2017 e 2020, o desmatamento derrubou 560 campos de futebol, mais do que o dobro do registrado nos 35 anos anteriores.

O mesmo acontece com os Munduruku. A Terra Indígena Munduruku fica no alto curso do rio Tapajós, no estado do Pará. Nela vivem comunidades indígenas organizadas em aldeias e indígenas em isolamento voluntário, conhecidos por índios isolados.

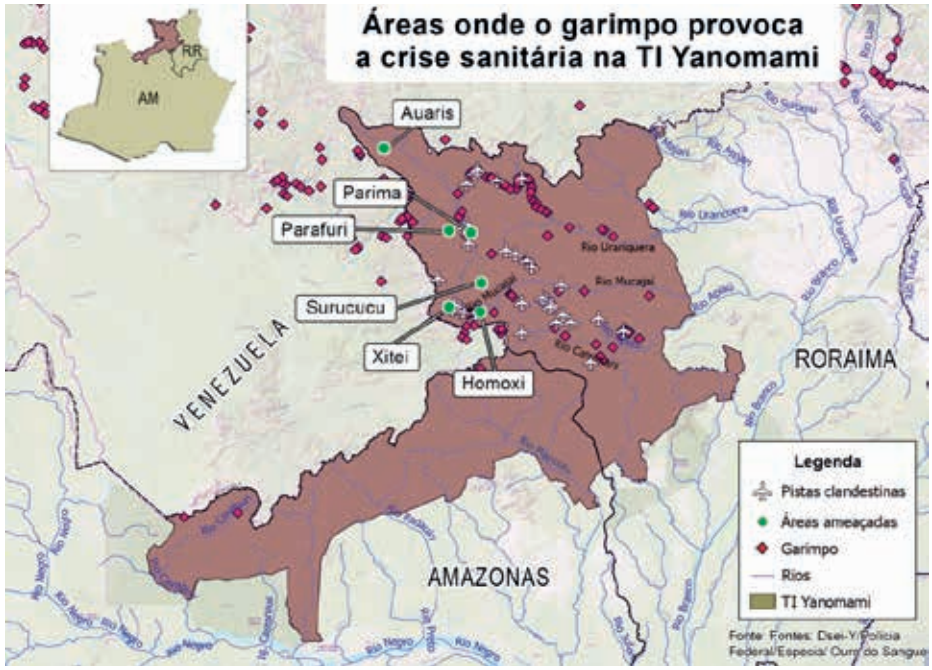
O garimpo na região vem desde os anos 1970. Mas a explosão da garimpagem, seguida de violência, começou em 2019. De janeiro de 2019 a maio de 2021, o aumento da área desmatada em relação a 2018 foi de 363%. Em apenas um mês, foram registrados alertas de garimpo em 362 hectares de Terra Indígena. São 362 estádios do Maracanã destruídos em apenas um mês. São dez estádios de futebol destruídos pelo garimpo a cada 24 horas.

O garimpo também avança sobre outras regiões, onde antes não existia ou tinha pouca presença de garimpeiros, em comparação com as terras dos Kayapó, dos Munduruku e dos Yanomami.

É o caso da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, onde entraram mais de dois mil garimpeiros; das Terras Indígenas de Rondônia, como a Sete de Setembro, do povo Suruí; e as do Maranhão, como a Terra Indígena Awá, que até bem pouco tempo não tinha garimpeiros.

A QUEDA DO CÉU

Os quatro anos de conivência do alto escalão do governo brasilleiro



Mapa: Giovanny Vera/Amazônia Real

com o garimpo no governo Bolsonaro (2019–2022) fizeram o céu desabar mais uma vez sobre o mundo Yanomami. A crise sanitária encontrada pelo governo Lula em seu primeiro mês de gestão, em janeiro de 2023, vai muito além do imaginável. Crianças desmilinguidas, vomitando vermes pela boca. Adolescenntes grávidas por estrupros vários. Mulheres esquálidas, violadas por garimpeiros. Homens em carne e osso, dizimados pela dor fome. Pistas de pouso tomadas das equipes de saúde. Aldeias cercadas pelas bases do garimpo. Um povo todo sem água, sem caça, sem roça, morrendo à míngua no coração da Amazônia.

O crime avançou na perspectiva da regulamentação da mineração em terras indígenas, prometida por Bolsonaro. Tramita na Câmara Federal o Projeto de Lei 191/2020, conhecido como o PL da Devastação, enviado pelo presidente da República, que autoriza os povos indígenas a permitir que pessoas não indígenas pratiquem o garimpo em suas terras.

"Só a perspectiva da legalização do garimpo já estimulou as invasões e aumentou a cooptação de alguns indígenas. Alguns se sentem atraídos pela oferta de participação nos rendimentos, que com certeza não vai acontecer. Com isso, o governo Bolsonaro desestruturou a paz que regia a vida comunitária", dizem os indígenas.

É dessa política genocida, implantada na floresta com o descaso e o incentivo do Estado que surge essa gigantesca crise humanitária vivida hoje pelos Yanomami, a maior e mais fatal das crises vividas por nossos povos indíegenas, pelo menos desde a redemocratização do País, na segunda metade da década de 1980.

A primeira providência do Governo Lula foi levar comida e tratamento médico para os Yanomai. Toneladas de alimento também chegam, diariamente, a Boa Vista, doadas por cidadãos e cidadãs, frutos da mobillização de organizações da sociedade civil brasileira.

Do céu, aviões jogam fardos de alimentos. Da terra, enfermeiras e lideranças caminham léguas pela floresta, com redes aos ombros, tentando fazer chegar os corpos quase sem alma de mulheres, crianças e homens à pista de pouso mais próxima. Sonia Guajajara, ministra dos Povos Indígenas e Joenia Wapichana, presidenta da Funai, operam em campo para salvar vidas e evacuar a floresta da presença nefasta do garimpo.

Do Palácio do Planalto, depois de visitar Boa Vista em 21 de janeiro, o Presidente Lula coordena as ações do governo federal. Em Brasília, os ministros da Justiça, Flavio Dino, e da Defesa, José Múcio, trabalham no fechamento do tráfego aéreo, na destruição das pistas clandestinas e na ação do Estado para impedir a abertura de novas pistas.

É o que recomendam, há anos, as lideranças indígenas e o MPF: "Se estrangularmos a logística, o garimpo não acaba, mas sofre um duro golpe," afirma um procurador do Ministério Público Federal de Roraima.

O MPF também recomenda urgência na demarcação das terras indígenas – há mais de 300 terras sem homologação – e a digitalização da compra do ouro, para evitar a evasão ilegal dos recursos naturais da floresta. O governo Lula parece caminhar a passos largos nessa direção.

Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental. Editora da Revista Xapuri.

Foto: Felipe Werneck/Ibama

Foto: Michael Dantas/AFP

YANOMAMI: UM POVO INTEIRO SOFRENDO AS FERIDAS

Maria Maia

Maria Maia – Cineasta, escritora, poeta e conselheira da Revista Xapuri.

Crianças Yanomami desnutridas
morrendo de fome
Um povo inteiro sofrendo as feridas
deixadas em seus brios e vidas
Por um monstro genocida

É hora de cuidar deste povo doente
Esfomeado pela ganância do branco
demente
Contaminado pelo mercúrio
do garimpo

"Cupinizam" a Terra Indígena
com afinco
Demolindo com a terra seus povos
e seus vínculos

São monstros sedentos de sangue
e sem coração
Destruidores covardes
da nossa Nação

ECOLOGIA, SEGUNDO OS YANOMAMI

Kleytton Morais

No momento em que o Universo desmorona nos rios e nas florestas devastadas pelo garimpo, na Terra indígena Yanomami, no estado de Roraima, indignando o pensar humanitário e ecológico de todo o planeta, vale a pena uma reflexão cuidadosa do grande líder Davi Kopenawa, pajé do povo Yanomami, sobre a compreensão do conceito de ecologia, segundo o entendimento ancestral de seu povo:

Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo o que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca.

As palavras da ecologia são nossas antigas palavras, as que Omama [o demiurgo yanomami] deu aos nossos ancestrais. Os xapiri defendem a floresta desde que ela existe. Sempre estiveram do lado dos nossos antepassados, que por isso nunca a devastaram.

Ela continua bem viva, não é? Os brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por isso que alguns deles estão agora inventando novas palavras para proteger a floresta. Agora dizem que são a gente da ecologia porque estão preocupados, porque a terra está ficando cada vez mais quente.

Nossos antepassados nunca tiveram a ideia de desmatar a floresta ou escavar a terra de modo desmedido. Só achavam que era bonita, e que devia permanecer assim para sempre. As palavras da ecologia, para eles, era achar que Omama tinha criado a floresta para os humanos viverem nela sem maltratá-la. E só. Somos habitantes da floresta. Nascemos no centro da ecologia e lá crescemos.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ficará vazia e silenciosa.

Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta, em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão mais capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos.

Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

Kleytton Morais - Presidente do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal.

Davi Kopenawa – Xamã Yanomami, pensamentos expressos em *A Queda do Céu – Palavras de um xamã Yanomami* – Davi Yanomami e Bruce Albert. Companhia das Letras, 2010.

Foto: Divulgação/ Willian Milliken

ENTRE A DOR E O ESPERANÇAR

Iêda Leal

A tragédia humanitária hoje enfrentada pelo povo Yanomami constata uma verdade inexorável: nossos povos indígenas, assim como o meu povo preto, continuam sofrendo as mazelas de um racismo estrutural histórico, cruel e genocida.

Penso na criança com vermes saindo pela boca; no ancião esquelético, desnutrido pela dor da fome; na adolescente emprenhada pela violência de um estuprador abjeto; na mulher violada em sua dignidade, sem direito sequer à última despedida, à cremação do filho inerte.

Penso nos rios poluídos pelo garimpo, nos peixes mortos onde a pesca foi um dia abundante, na fome, na dor da fome, na morte pela fome entre os escombros de uma floresta que foi, um dia, fonte de paz e de fartura para o povo Yanomami.

Me entristeço e choro. Minha indignação profunda vem das entranhas dessa minha alma negra que presenciou e presencia, dia sim, dia sim, violências terríveis também contra o meu povo negro, Brasil afora.

Mas nem tudo é desalento. Temos, hoje, um Ministério dos Povos Indígenas, um Ministério da Igualdade Racial e um Ministério dos Direitos Humanos que, atentos e fortes, começam a fazer valer os direitos do povo negro e dos nossos povos originários.

Começa-se, neste novo tempo do governo Lula, o lento processo de valorização do conhecimento ancestral dos povos indígenas, extrativistas e quilombolas, todos eles guardiões da nossa cultura e da nossa biodiversidade. "Nunca mais um Brasil sem nós", determinou a ministra Sonia Guajajara em seu discurso de posse.

Nunca mais um Brasil sem nós, ecoa, com igual força e determinação na alma das pessoas pretas que, assim como eu, vislumbram, neste momento de combate intenso às mazelas da discriminação e da injustiça, a possibilidade concreta de, agora sim, tornarem-se sujeitos de se sua própria história.

Penso, então, no binômio indignação-esperança. Não há como não se indignar com a tragédia humanitária dos Yanomami. Mas é hora de esperançar porque, por fim, o Estado chega para proteger aquele povo desvalido, para garantir o fim da fome, para fazer a desintrusão do garimpo, para garantir a despoluição da floresta.

Esperancemos, pois, pela volta da dignidade do povo Yanomami, dos povos indígenas, extrativistas e quilombolas, e de todo o meu povo negro!

Iêda Leal – Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Secretária de Comunicação da CUT-GO; Tesoureira do SINTEGO; Coordenadora Nacional do Movimento Negro Brasileiro.

NOSSA XAPURI, NOSSO ORGULHO!

Parabéns, *Revista Xapuri*, por suas 100 edições de paixão, compromisso e dedicação! Muito orgulho dessa nossa história de sucesso. Sigamos, com alegria, nessa nossa luta contínua por uma sociedade mais justa e mais sustentável. **Agamenon Torres Viana**

Às vezes é um fio d'água cantando, que pode se transformar em torrente rugidora, assim é a ideia. Um salve a todos e a todas nós, idealistas da *Revista Xapuri*! **Altair Sales Barbosa** – Primeiro Conselheiro da *Revista Xapuri*.

Na centésima edição podemos ver com clareza e conteúdo os traçados da *Revista Xapuri* para resistir, existir e lutar pelas causas socioambientais. Vamo que vamo, galera! **Ana Paula Sabino**

O que seria de nós sem o espaço de resistência da *Revista Xapuri*? Nossa *Xapuri*, Nosso Orgulho! **Andrea Matos**

Xapuri não é uma revista, é cuidado, é afetividade e solidariedade cheias de beleza e de história. *Xapuri* é conceito de resistência. Também, com esse nome? Parabéns, equipe da *Xapuri*, pelas cem edições! **Angela Mendes**

O compromisso 100 da revista que ensina e aprende chega, após atravessar o obscurantismo que machucou o povo brasileiro e sua terra, suas florestas, suas cidades, seu ar, suas águas... Não é resiliência que chama, mas resistência editorial impregnada de lutas e dimensões a refletir nossa diversidade, nossa alma vermelha, como é a cor do coração, do sangue, do fim da tarde e início da manhã. Sobrevivemos aos horrores das trevas, mas como soe ocorrer com os fortes guerreiros, sempre triunfa a luz. Parabéns, *Xapuri*! **Antenor Vaz**

Muitos parabéns, *Revista Xapuri*! **Cleiton Silva**

É bonito sonhar. Mais bonito ainda é quando alguém não somente realiza seu sonho, mas também faz dele referência para florescer e sobreviver a dois anos de tempos temerários, anos de pandemia e lockdown econômico, e a quatro anos de um desgoverno genocida. Quando eu era criança, minha mãe me levava toda semana para um dos meus locais prediletos de passeio: a livraria. Ela soube, desde que eu era muito pequeno, o poder que a palavra tem e conseguiu transmitir sua paixão pela leitura e pela escrita para mim. Por isso que sempre a apoiei em um dos seus sonhos, por ela guardado durante muitos anos: criar uma revista, inspirada no legado de Chico Mendes, para defender a floresta amazônica e dar voz a indígenas, extrativistas, quilombolas e ribeirinhos, a todas as suas comunidades originárias e tradicionais. Assim, por meio de um sonho que se tornou missão, minha mãe, junto com sua equipe voluntária e seu conselho editorial, também voluntário, consegue, depois de 100 edições, produzir todo mês uma revista-referência de comunicação socioambiental que, tenho certeza, daria muito orgulho ao Chico Mendes. Eu, filho da Zezé, que me lembro de quando a revista dava seus primeiros passos, parecendo apenas um sonho impossível, dela e do Jaime Sautchuk, acompanho hoje o desafio guerreiro de sua produção, mês a mês, e me sinto muito orgulhoso também. Viva a *Xapuri*! **Eduardo Pereira**

Esta edição 100 da Revista Xapuri nada mais é do que o símbolo da luta dessa equipe extraordinária. Muita luta, muito trabalho, muito suor, mas, sobretudo, muita resistência. E isso enche de orgulho cada qual de nós que, de alguma maneira, participa deste trabalho. Sinto-me orgulhoso e lisonjeado por fazer parte da Revista e da equipe *Xapuri*. **Emir Bocchino**

100 EDIÇÕES
1000 GRATIDÕES

Xapuri
SEMPRE PRESENTE
SALVADORES DA CLASSIDADE
MEMÓRIA DE BRASÍLIA
Folclore
ÁGUA
CHICO MENDES!
S.O.S. AMAZÔNIA
OS AMARDOS DO CERRADO
CONTESTADO
FUTEBOL:
CHICO MENDES 30 ANOS
POR UM MUNDO SEM VENENOS
PARAÍSO

REVISTA XAPURI

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

100 EDIÇÕES. 1000 GRATIDÕES!

NOSSA XAPURI, NOSSO ORGULHO!

Vocês da *Xapuri* não são fáceis, não. Cem edições? Parabéns! **Gilney Viana**

Muito respeito à *Xapuri* por suas cem edições! **Gomercindo Rodrigues**

Salve, *Xapuri*! Salve 100 vezes *Xapuri*! Desejo a esta importante e esclarecedora Revista 100 vezes 100 novos números! Salve, Jaiminho, que me conduziu a ela! **Graça Fleury**

Taí uma revista ambientalista, feminista, socialista e, com muito orgulho, antirracista! Que venham outras 100 edições! **Iêda Leal**

Parabéns à *Revista Xapuri*. Coragem e sabedoria para caminhar! A luta socioambientalista é uma necessidade urgente e necessária. Viva todos e todas que lutam por uma vida melhor. **Iolanda Rocha**

Pois não é que chegamos às 100 edições? Parabéns, equipe *Xapuri*. Que venham outras 100! **Jacy Afonso**

Parabéns, *Xapuri*, pelos cem meses de vida! **Jair Pedro Ferreira**

Eu vi a *Xapuri* nascer. Eu vejo a *Xapuri* acontecer. É muito lindo, é emocionante ver a *Xapuri* resistir mês a mês, dia a dia! **Júlia Feitoza Dias**

Muitos parabéns pela edição 100 da *Revista Xapuri*! **Kleytton Morais**

A *Revista Xapuri* é um fenômeno da imprensa brasileira. Feita na raça da militância e no talento de sua equipe gestora. Vida longa, *Xapuri*! **Lucélia Santos**

Era novembro de 2014, quando a jornalista Zezé Weiss, minha irmã, chegou para uma visita, trazendo com ela o gigante franzino e baixinho Jaime Sautchuk, pra me fazer uma proposta de voluntariado. Ele, o grande jornalista que eu só conhecida de nome, de repente estava na minha frente, falando baixinho, com um entusiasmo contagiante. Zezé, ali do lado, contava do projeto de ambos, a revista *Xapuri Socioambiental*, com a primeira edição já fechadinha, pra eu revisar. De pronto, aceitei a empreita, e logo a revista estava nos trinques, como dizia o Jaime. Era um caminho sem volta, uma paixão que permanece e se renova a cada edição! Hoje, quando chegamos à edição 100, orgulho-me de fazer parte da equipe e de contribuir para que exista este espaço de resistência tão necessário, tão imprescindível. **Lúcia Resende** – Revisora voluntária desde a edição 01 da *Revista Xapuri*.

Conhecer a *Xapuri* despertou meu sentimento de esperança em busca de um mundo melhor. O amor e otimismo da equipe é refletido no trabalho que fazem. **Maria Letícia Marques**

Meus parabéns pra *Revista Xapuri*. Cem edições não é pra qualquer revista! Essa revista é tão importante porque ela cuida do meio ambiente e dos povos da floresta, cuida da cultura e da luta das pessoas. Agora que acabou aquele círculo vicioso e entramos em um círculo virtuoso, a *Xapuri* vai ajudar a gente a caminhar pra frente, como sempre ajudou! **Maria Maia**

Parabéns, *Xapuri*, pela centésima edição. Hoje, fazendo parte dessa equipe, sei que todas as edições foram feitas com muito amor, carinho e dedicação. **Pâmmela Breus**.

A *Xapuri* tem uma cara de Brasil brasileiro que não tem como errar. É brasilidade no sangue e na alma! **Rosilene Corrêa**

Tanto tempo, tanta luta, muita linda a *Xapuri*, pah! **Trajano Jardim**.

100 EDIÇÕES
1000 GRATIDÕES

(Foto: Divulgação)

GLÓRIA MARIA

INSPIRAÇÃO E EXEMPLO DE RESISTÊNCIA

15/08/49
02/02/23

UMA CARTA PARA JAIME SAUTCHUK

Altair Sales Barbosa

Altair Sales Barbosa é, além de um querido, o colaborador e parceiro mais longevo da Xapuri. Está conosco, em todos os números, desde a edição 02. Como dizia o Jaime, de quem foi grande amigo, "Altair é o mió dos mió, o mais sabido de nóis."

Mil gratidões, Altair!

Estimado amigo e irmão Jaime Sautchuk, como evolucionista que sou, tal como você, nunca acreditei muito ou quase nada nessas coisas de alma, céu, ou algo desse tipo. Mas uma coisa é quase certa para nós: os imortais, como você, nunca morrem, se transformam em ventos e navegam nas correntes aéreas por mares, oceanos e terras distantes.

Diz um mito indígena que, através dos ventos, podemos nos comunicar. Já tentei várias vezes, mas não consegui, daí a razão de lhe escrever esta carta e soltá-la nas asas do vento. Quem sabe, um dia, ela possa encontrar o amigo.

Está lacrada com material leve e impermeável, feito asas de cigarra. No centro do invólucro, desenhei a letra X pintada de amarelo e vermelho, para que alguém, ao encontrá-la, logo possa associá-la à *Revista Xapuri* e, assim, fazê-la chegar ao destinatário correto: você.

O conteúdo não tem muita coisa importante, mas certos assuntos sempre gostamos de compartilhar, para não ficarmos falando sozinhos, feito gado ruminando no pasto. É como se diz lá no Sul: enquanto a chaleira chia, o amargo vai cevando e, nesse meio tempo, entre uma cuia e outra de chimarrão, vamos proseando, apenas para aliviar uma ou outra mágoa ou, quem sabe, talvez clarear um pouco a mente.

Amigo Jaime, você conhece bem como foi minha infância, lá no longínquo interior da Bahia, rancho de pau-a-pique, infestado de barbeiro e percevejo. O certo é que quando vejo as críticas indiscriminadas quanto ao uso dos chamados venenos, me vem à lembrança que eu sou um sobrevivente da ação do DDT. Às vezes, amigo, me dá a impressão de que o modismo é mais confortante e cômodo do que o conhecimento.

Mas eu consegui sobreviver às custas de acontecimentos imprevisíveis, sobre os quais eu nem sonhava, e tudo foi-se modificando. Um dia (muito triste nas minhas lembranças), pela vontade de meus pais e de meus avós maternos, tive que deixar o local onde vivia, para estudar num centro maior, e Goiânia era o destino mais fácil.

Naquela época, as estradas eram trilhas, feito serpentes que rastejavam pela belezura incomensurável das veredas. Não existiam pontes nos rios, e o velho pau-de-arara, fuçando feito um cão farejador, capengava em direção às nascentes, para contorná-las até estacionar em um ponto da capital de Goiás, após seis a oito dias de viagem.

Era fim de tarde quando minha mãe, eu e meus dois irmãos, e mais algumas dezenas de rostos, procurávamos um lugar aconchegante na carroceria do caminhão, entre sacos de farinha, fardos de rapadura, tonéis de cachaça e latas de querosene jacaré, que era usado para abastecer a condução durante o trajeto.

O caminhão, também conhecido por "chavriolé", estava estacionado numa parte plana e alta, bem na entrada dos Gerais. Em sua volta, uma multidão de pessoas conversava e se despedia.

Sentado num saco de farinha, entre a multidão, vi meu pai, que não pôde nos acompanhar, pois ficou para cuidar de outros afazeres. Na despedida, vi também meus eternos colegas e amigos de infância. Lá no fundo eu sabia que jamais voltaria para morar naquele local, nem para brincar com os meus amigos. E quando o caminhão começou a serpentear pelo areião, meu coração sofreu um apertume de saudade.

Não sei depois o que aconteceu com minha vida, foi tudo muito rápido, como um sonho bonito... Quando acordei, já era professor universitário, requisitado por muitas outras universidades da América, conhecido pelos meus artigos, em cantos da terra que eu nem pensava existir.

Mas nada disso tirou da minha lembrança a figura dos meus colegas amigos e do povo daquele lugar, muitos dos quais nunca mais vi, pois a morte precoce, provocada pela picada de insetos ou pelos vermes da esquistossomose ou "xistosoma", como eram conhecidos no local, e que infestavam os riachos de água parada, como um cutelo afiado ceifou muitas daquelas vidas, sem piedade.

Então, amigo Jaime, você sabe como sobrevivi, e hoje ando pra lá e pra cá, procurando entender a vida dos humanos. Para isso, tive que

Xapuri
SEMPRE PRESENTE
O piar da Juriti Pepena
Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado

agregar aos meus conhecimentos de antropologia, arqueologia e geologia os conhecimentos oriundos da mecânica quântica e da matemática do caos, da teoria de sistemas, do efeito borboleta e dos fractais.

Isso foi muito positivo, pois alargou, para além da sua amada Linda Serra dos Topázios, o meu horizonte de conhecimento. Fico horas passeando com os robôs pelo solo de Marte, querendo tocar nas rochas. Recentemente, meu amigo, criaram um telescópio denominado James Web, e o soltaram no espaço.

Com ele, viajo por imagens espetaculares e chego até as bordas do universo. Será que o universo tem bordas, amigo Jaime? E, neste meu viajar pela vastidão do pequeno e do grandioso universo, indago: Como o ser humano conseguiu tanta tecnologia?

Hoje, somos capazes de compreender basicamente o comportamento do espaço, tempo, da matéria e energia, desde o Big Bang até os dias atuais. Considero isso, meu irmão Jaime, talvez a maior conquista do pensamento humano.

Atualmente, temos uma visão mais fidedigna do tempo. Foi no fim da era Planck, por exemplo, Jaime, ou seja, no primeiro trilionésimo de trilionésimo de trilionésimo de segundo, que a gravidade, tal qual como a conhecemos, se desprendeu das outras forças do universo: eletromagnéticas e nucleares.

Alguns, muito raros humanos estão aprendendo a racionar os fenômenos na dimensão da totalidade do tempo. Infelizmente a maioria ainda raciocina na dimensão do tempo do homem e, com isso, tenta explicar fenômenos, como por exemplo as mudanças climáticas, dentro dessa dimensão. Chega a ser ridículo.

Entretanto, meu amigo, nós os humanos nunca conseguimos nos desgarrar do egocentrismo, que nos é peculiar desde as origens.

O raciocínio da maior parte dos ditos intelectuais tem como base o conceito de desnaturização. A desnaturização é um comportamento de vida, fenômeno pelo qual o homem julga não fazer parte de mundo natural, afastando-se dele e atribuindo a si próprio um poder divino sobre os outros elementos do meio ambiente, com consequências impossíveis de serem previstas, dentro dos parâmetros de ciência que hoje a humanidade possui.

Desde que surgiram na África, após uma série de processos evolutivos e adaptativos coroados de êxito, esses primeiros humanos, conhecidos como *Homo-habilis*, começaram a desenvolver comportamentos egoístas e extremamente possessivos, que levaram à extinção várias espécies de animais, incluindo alguns dos nossos primos. Também fizeram guerras entre si e, possivelmente, levaram à extinção alguns grupos dissidentes.

À medida que as técnicas foram se desenvolvendo, tornando-se mais eficientes para seus propósitos, o gênero *Homo* se tornou uma espécie cosmopolita e, por onde passava, deixava marcas de destruição e extinção. Eles eram ainda caçadores-coletores.

Depois daquele tempo, várias noites, vários dias e várias estações se passaram e, após longos processos de aprendizagem e de adaptação, uma revolução no modo de ser de alguns humanos começa a se desenhar numa nova e mais complexa forma de vida.

Eles aprenderam a domesticar as plantas e os animais. Esse fator os transforma de nômades em sedentários e os obriga a construírem moradias fixas para protegerem suas hortas e criações, tanto dos predadores humanos, como de outros animais.

Essa nova organização social, chamada inicialmente de aldeias, traz no seu bojo uma série de problemas, que vão desde aqueles ligados aos relacionamentos sociais até problemas de saúde, partilha dos bens etc., resolvidos quase sempre com a cisão dos grupos.

Mas, de maneira geral, parece que a abundância superou as vicissitudes e logo essas aldeias se transformam em cidades, que imediatamente vão se constituindo em impérios. Para a construção dos impérios, os humanos que os conceberam, embora esse processo seja fruto de exigências sociais e políticas, quase que imperceptíveis, num primeiro momento, engendram mecanismos de dominação política.

Num segundo momento, começam a proporcionar as primeiras grandes modificações nas paisagens, exploram pedreiras, constroem castelos, templos, campos de jogos, recreação e competições, constroem aquedutos, sistemas rudimentares de esgotos destroem plantações nativas para implantar grandes campos de cultivo, e assim segue sua marcha.

Entretanto, é bom salientar, nada disso seria possível sem o surgimento de uma sociedade estratificada socialmente e obediente às divindades e crenças impostas de forma cruel e sanguinária. Dessa forma, foram construídos os grandes impérios, ilustrados por alguns dos quais assim denominados: Império Hebraico, Império Faraônico, Império Grego, Império Romano, Império Otomano, Império Asteca, Império Inca etc. Assim como os novos impérios, que surgiram depois da época das grandes navegações.

Uma dinastia, ligada diretamente a uma divindade, se organizava em torno dela, um grupo de obedientes ordenadores, que por sua vez organizavam grupos de guerreiros, exércitos, que davam ordens, ou escravizavam hordas estranhas ao seu bando para fazerem os trabalhos pesados.

Com o incremento desse modelo, deu-se ao luxo de escravizar continentes quase que por inteiro, porque os povos que possuíam costumes estranhos, que andavam nus ou que fisicamente eram diferentes não eram considerados seres humanos, precisavam ter um Deus e precisavam também pensar como aqueles que lograram mais poderio bélico.

Sociologicamente surge a ideologia dos incluídos e excluídos, que permite aos humanos escravizarem outros humanos e os venderem e trocarem como mercadorias.

O modelo de universidade, casa da sabedoria, imposto no mundo ocidental, contribuiu largamente para o embasamento científico da desnaturização do homem, uma vez que separou os saberes em ciências humanas e ciências naturais, modelo cujos frutos colhemos até os dias atuais. Não há interdisciplinaridade, nem distinção entre o êmico e o ético.

Porém, é bom também salientar que as intervenções humanas, que começaram a permear a ciência vêm, desde a revolução neolítica, com o cruzamento entre espécies de uma mesma característica física, para adquirir certa homogeneidade de raças. Isso aconteceu com os galináceos e com os cães, seguida pela castração de touros, para impedi-los de deixar descendentes e torná-los mais mansos para o trabalho pesado.

A castração dos seres humanos, criando a classe dos eunucos, para cuidarem dos haréns, é só a ponta do iceberg de uma grande revolução que estamos começando a vivenciar: a engenharia genética e a inteligência artificial.

Se tudo isso, aliado aos avanços eletrônicos, já nos causa surpresas, às vezes desagradáveis e espantosas, devemos nos preparar muito mais para o que nos aguarda com os resultados da engenharia genética, as possibilidades incertas da inteligência artificial, a vida biônica e até com a possibilidade de outras vidas. Somos mais poderosos do que nunca.

Embora o homem tenha uma dentição que lhe permita uma alimentação omnívora, foi o consumo da carne, o forte atributo que lhe permitiu seu ¨sucesso¨ evolutivo. Impediu que tivesse um tórax volumoso e, como consequência um intestino relativamente pequeno.

Como não tinha que passar grande parte do tempo mastigando folhas, para adquirir os nutrientes necessários a um balanço dietético, sofreu a redução da mandíbula, que impulsionou o desenvolvimento do crânio, possibilitando conexões altamente complexas.

Após a domesticação dos animais, o homem moderno ficou cada vez mais exigente, nesse hábito carnívoro, o que obrigou os produtores desse bem de consumo a criarem métodos extremamente cruéis, para atender o requintado paladar desse homem moderno.

Para produzir uma carne macia e suculenta, os bezerros machos, ao nascerem, são colocados individualmente e com impeditivos visuais, numa minúscula jaula de madeira, onde são impedidos de qualquer tipo de movimento que possa contribuir para a formação de músculos.

Aí, o bezerro passa o resto de sua vida, cerca de quatro meses e meio, sem pegar sol, sem conhecer outros seres da sua espécie, nem mesmo brincar com outros bezerros ele pode. Recebe uma alimentação especial, que o faz engordar mais rapidamente. A primeira vez que esse bezerro tem a chance de caminhar e conhecer outros seres da sua espécie é quando entra no corredor da morte para ser abatido.

Em termos evolutivos, pensando somente no êxito humano, o boi representa um símbolo da prosperidade humana, mas também demonstra o lado cruel da humanidade. Dizem que nas terras ricas das arábias se dão até o luxo de saborearem um tal bife de ouro.

Ao mesmo tempo que age dessa forma, o ser humano comete outros tipos de crueldade com animais domésticos, crueldade às vezes disfarçada de amor.

Quando, ingenuamente, tenta mudar os hábitos instintivos das diversas raças de cães e gatos, alguns criados com requintes de bebês humanos, usam roupinhas e até lacinhos de fita como enfeites, são carregados em carrinhos, e até mesmo chamados de crianças.

Existem festinhas de casamento, estilo ocidental, para cães, onde a fêmea usa grinalda e o macho, terno no estilo humano. Recentemente estão sendo criados canais de TV especiais para cães e gatos. Eu gostaria até de tentar entender como funcionam esses canais, pois a visão estereoscópica é própria só dos primatas. Nos tradicionais festejos humanos, como festas natalinas, é comum esses animais se vestirem como Papai Noel. E, pasmem, já existem até cultos religiosos para cães. Como é confuso e complicado o ser humano!

Os cães e gatos estão entre os animais mais predadores do planeta. Quando criadas em cativeiro, todas as espécies silvestres que tentam intrometer em seus domínios são rapidamente destruídas.

As aves perdem seus ninhos, os pequenos répteis, como os calangos e as lagartixas, são trucidados. O mesmo acontece com alguns mamíferos, como o macaco-prego, os micos, os bugios, o tamanduá-mirim, tamanduá-bandeira, a raposa, o quati, o gambá, o tatu, o preá campestre e outros roedores, e até o lobo-guará.

O modelo de exploração do campo, juntamente com a ausência do Estado, com seus serviços essenciais, escolas e hospitais, tem provocado no Brasil um fenômeno extremamente preocupante, que é a desterritorialização das populações. Todos os dias, dezenas de famílias oriundas do campo, chegam às cidades, rompendo em estilhaços qualquer tipo de plano diretor.

Como sabe, amigo, a partir da década de 1970, inicia-se um processo migratório e a ocupação em massa das áreas urbanas, fazendo com que crescessem de forma desordenada e avassaladora, reduzindo drasticamente os espaços naturais e os transformando em ecossistemas artificiais. Para dar passagem ao automóvel, reduz-se a largura das calçadas e faz-se o alargamento das ruas. As áreas marginais aos córregos urbanos, são transformadas em pistas pavimentadas de alta velocidade.

Um ou outro parque com bosques exóticos são construídos, mas com o objetivo de proporcionar maior satisfação aos humanos. Por isso, vários equipamentos de ginástica e áreas de lazer e serviços são implantados. E, assim, as cidades continuam seu crescimento cada vez mais acelerado e estressante.

Os elementos da fauna nativa, com esforço adaptativo, migram para as áreas periféricas dos grandes centros urbanos, na busca de elementos naturais que possibilitem a sobrevivência.

Entretanto, nas últimas décadas, os humanos de maior poder aquisitivo, estressados com o ritmo das cidades, buscam ambientes mais calmos. Mas esses ambientes estão situados no outrora anel periférico das cidades, mais ou menos preservados, para onde os animais silvestres fugiram.

E, nesses locais, são implantados os condomínios residenciais, com segurança muito bem estabelecida e, por incrível que pareça, com áreas verdes, que são preservadas em virtude de exigências legais,

franjas de matas ciliares ao longo dos córregos, que porventura limitam com estes empreendimentos e uma outra área também preservada por exigências legais.

Mas os humanos que saem das cidades em busca de uma vida alternativa, teoricamente mais tranquila, levam para esses locais os vícios das cidades. Ou seja, abandonam a cidade, mas a cidade não os abandona. Dentre seus inúmeros hábitos citadinos, carregam para esses lugares seus cães, alguns ferozes, e seus gatos, que logo entram em atrito com os poucos e valentes animais silvestres, que teimosamente insistem em sobreviver nos últimos vestígios de áreas mais ou menos preservadas que a natureza lhes havia reservado.

Não é preciso continuar a história, o final dessa todos sabemos, e os humanos, uma vez mais triunfantes comemoram de forma efêmera sua vitória.

Outro assunto que muito me incomoda, meu grande amigo Jaime, é que me parece que as pessoas estão cada vez mais perdendo a noção histórica do passado, e olha que não sou daqueles que acham que o passado teve como objetivo a construção do tempo atual.

Mas os erros do passado não são levados em consideração, quando, por simples ideologia, vedamos os olhos. Para quem sempre trabalhou com a Ciência, você sabe, meu grande amigo, o quanto isso incomoda. Por isso, sinto uma falta danada de suas reflexões e sabedoria.

Como comecei esta carta dirigida a você contando algumas histórias, vou terminá-la com uma história simples dessas que compõem o universo do homem interiorano, mas tenho certeza, Jaime, que você a entenderá, pois ela ilustra a situação da falta de memória do povo brasileiro que mencionei.

Contam que num desses locais do interior do Brasil existia uma pessoa muito esquecida das coisas. Certo dia, essa pessoa, que é morta, voltava de sua pequena fazenda para a cidadezinha onde morava e que distava cerca de uma légua.

No meio do caminho, sentiu vontade de fazer as necessidades fisiológicas. Escolheu um bom local meio limpo e tranquilo, tirou o facão com a bainha, que estava atrelada ao cinto, e dependurou num galho. Posicionou-se, então, de cócoras e, em meio à tranquilidade do ambiente, enquanto dava andamento ao serviço, pôs-se a pensar na vida.

De repente levanta os olhos, enxerga o facão dependurado e exclama: "Alguém esqueceu um facão por aqui". Terminado o serviço, pensou: "Já que o facão está nesse ermo, vou levá-lo. se o dono aparecer, tudo bem. Se não, fico com ele para mim".

No que deu a volta sobre o corpo pra pegar o facão, pisou na merda. Como estava descalço, o que era comum pras bandas daquele interior, sentiu que a merda ainda estava quente; então, com a sabedoria que lhe era peculiar ainda exclamou: "Uai, o facão deve ter sido esquecido há pouco tempo, porque a bosta ainda está quente!"

É isso, meu amigo e irmão, você anda fazendo falta.

Um grande abraço deste amigo, que nunca lhe esquece.

Altair Sales Barbosa - Antropólogo e arqueólogo, o professor Altair é também colaborador voluntário, escritor e conselheiro da Revista Xapuri. Esta matéria, em homenagem ao Jaime Sautchuk, é também nossa homenagem ao professor Altair, que segue conosco na saudade e no compromisso de preservar o legado e a memória do Jaime.

NO CERRADO TEM

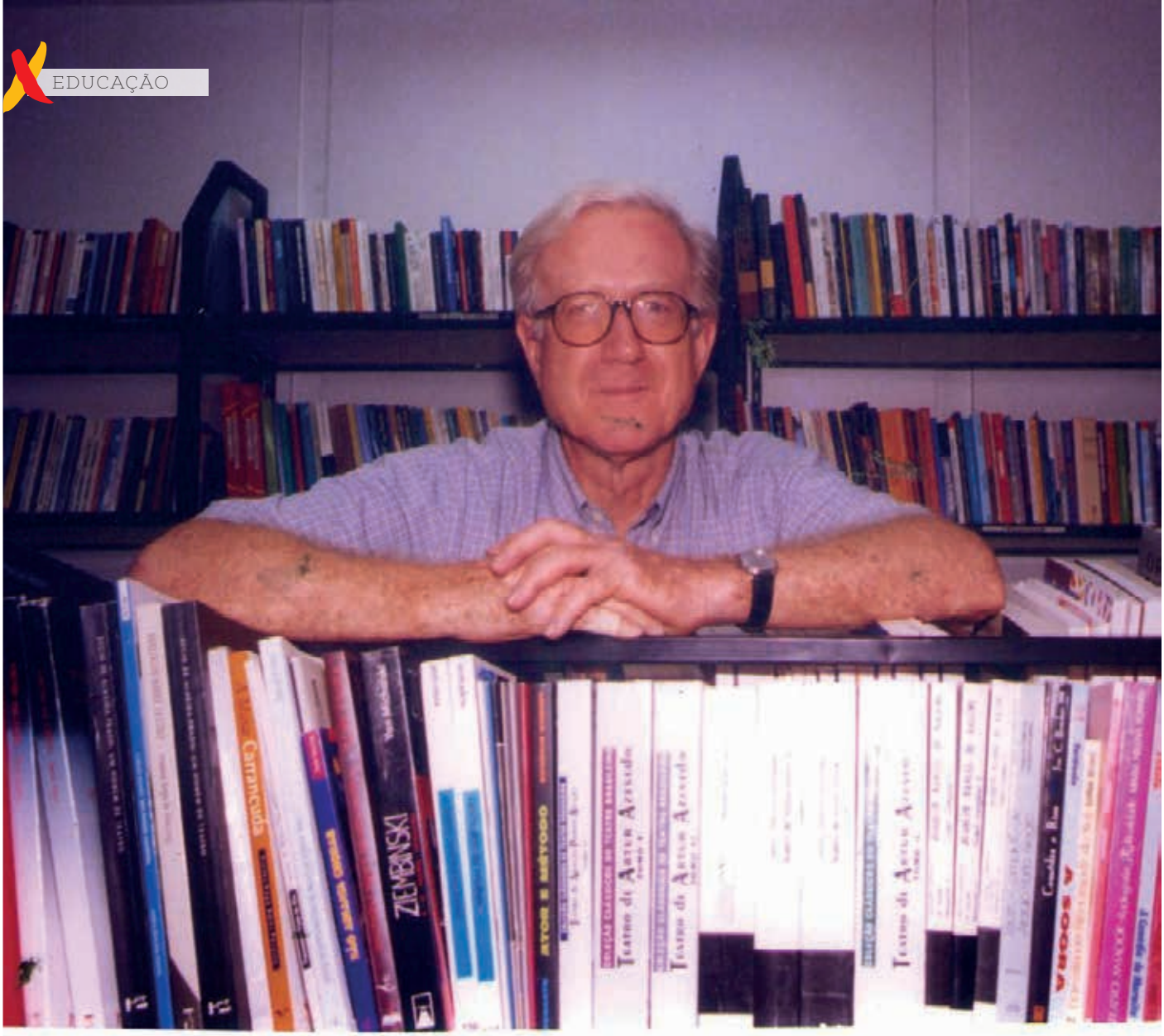
Iêda Vilas-Bôas

Nossa Conselheira Iêda Vilas-Bôas partiu deste mundo em 8 de abril de 2022. Enquanto entre nós, escreveu matérias brilhantes sobre Mitos e Lendas, Universo Feminino e, sobretudo, sobre o Cerrado. Militante da Cultura, do Meio Ambiente e de todas as causas justas, IVB, como assinava e gostava de ser chamada, deixa entre nós imenso vazio e profunda saudade.

Laroyê, IVB!

No Cerrado tem
Ninguém mandou plantar,
Nem precisou colocar:
Buriti, cagaita, ipê-amarelo...
Tem jatobá cheiroso, o pequi tão gostoso
E fogo-apagou a avisar
Tem caviúna, mangaba e sabiá-laranjeira,
Que canta pra nos alegrar!
Tem perdiz, beija-flor cantador
E caliandra vermelha
Pra terra enfeitar!
Tem sucupira, canela-de-ema,
Quero-quero ligeiro e caracará!
Tem gavião-caboclo, urubu-rei,
E arara azul muito linda,
Pra gente admirar!
Tanta planta e tanto bicho,
E a gente só precisa preservar!

Iêda Vilas-Bôas (1963-2022) – Brilhante escritora e poeta cerratense.



IVO BARBIERI: O SABOR DA LEITURA

José Bessa Freire

"Na escola primária / Ivo viu a uva / e aprendeu a ler / Ao ficar rapaz / Ivo viu Teresa / e aprendeu a amar".

(Paráfrase de Primeira Lição. Ledo Ivo. 1964).

No lançamento recente do livro *Da Roça à Reitoria: Ivo Barbieri* me veio à lembrança a viagem Rio-Manaus-Rio, em companhia de Ivo Barbieri, então reitor da Uerj que, em 1991, me convidou para proferir a palestra de abertura sobre a Amazônia na Reunião do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) realizada na capital do Amazonas.

No voo de ida e volta, livros foram o tema central de nossa conversa. Quando Ivo, professor de literatura brasileira, fala de suas leituras, a gente começa a salivar, sentindo o sabor e até o aroma do texto literário. Se o interlocutor já o leu, passa a saboreá-lo com tempero adicionado por ele. Caso contrário, fica com uma vontade danada de sair correndo dali para degustá-lo. Quem assistiu suas aulas no doutorado de Letras da Uerj sabe disso.

Esse dom, essa sabedoria e esse amor incondicional pela literatura o levaram a fundar a Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel, da qual foi o primeiro presidente e onde "organizou, coordenou e realizou o projeto A arte da novela – exercícios de leitura, desde 2013, sem interrupção, com público cativo sempre crescente" – diz Aparecida Salgueiro, ex-presidente da Casa.

Graças às perguntas instigantes do jornalista Paulo Filgueiras, que organizou o livro em forma de entrevistas, aquele Ivo sempre discreto e zeloso de sua privacidade revela dados desconhecidos até por quem conviveu com ele tantos anos. O caminho da roça à reitoria começa na infância, passa pela juventude, estudos, professores, amizades, vida acadêmica, filmes e peças de teatro que viu, os livros que leu, a relação com a religião, a política, a prisão e tortura sofridas em 1970 e a gestão da Uerj, nossa cachaça, que nos une.

VIU A UVA

O neto do italiano Barbieri viveu a infância na roça, em Nova Milano, distrito de Farroupilha, numa família de dez filhos. Alfabetizado em casa pelos irmãos mais velhos, depois que a segunda leva de imigrantes italianos havia introduzido o vinho na serra gaúcha, Ivo viu a uva, literalmente, ao contrário de crianças brasileiras de outras regiões, usuárias da cartilha *Caminho Suave*. No Amazonas, a gente via açaí. Uva, só no abecedário, confundia-se aprendizagem com decoreba.

Depois, caminhos mais suaves e universais passaram a ser usados para a descoberta do mundo da literatura. Viva Paulo Freire! Novos métodos de letramento ensinam a ver, além da uva, as condições de trabalho de quem a plantou e colheu, como descobriu aquele menino que saiu da roça gaúcha para ser reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O entrevistador abelhudou sobre o tema religião. De família católica, duas irmãs de Ivo se tornaram freiras. Na missa aos domingos, o vigário fazia o sermão em uma variante regional da língua italiana, cujo contato com o português deu origem ao talián, declarada pelo IPHAN, em 2014, como uma das línguas de referência cultural brasileira. Futebol? Confessa que sempre foi "muito ruim de bola" e que é torcedor do Grêmio e do Flamengo (ninguém é perfeito, diz esse vascaíno aqui).

Ivo revela que aos quinze anos foi aluno interno do seminário diocesano em Caxias do Sul, dirigido por capuchinhos. Foi lá que começou a ler autores brasileiros e muita poesia romântica. Quando saiu do seminário maior para cursar Letras Neolatinas, em Porto Alegre, se sustentou dando aulas em colégio particular. Conheceu obras de Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e especialmente Machado de Assis, por quem se apaixonou ao folhear as primeiras páginas de *Dom Casmurro*.

VIU TERESA

Já graduado e licenciado, Ivo se mudou para o Rio a fim de seguir curso de aperfeiçoamento em literatura com os melhores professores do Brasil. Olhem só o time (assim até eu!): Cleonice Berardinelli, Afrânio Coutinho, Cavalcanti Proença, Antenor Nascentes, Evanildo Bechara e Dirce Riedel, de cuja assistente, Teresa, se enamorou e com ela viveu por quase 40 anos, até que a morte os separou.

As perguntas da longa entrevista foram todas respondidas por Ivo, mesmo as "indiscretas" sobre as quais é tão doloroso falar e até mesmo escutar: a prisão de três meses pela ditadura sem qualquer ordem judicial e as torturas sofridas, tema ao qual daremos destaque aqui em detrimento dos demais. *Et pour cause.*

Em várias páginas, relata sua prisão em maio de 1970, quando saía de sua casa, no Jardim Botânico, para o trabalho. Encapuzado, num carro da polícia, um meganha lhe deu um soco, justificando: "Por causa de você estou aqui sem almoço". Desconfia que foi levado para uma unidade da Aeronáutica, porque escutava o decolar de aviões do aeroporto militar do Galeão.

– *Este episódio é um tanto longo. Você acha que a gente deve prosseguir?* – indeciso, perguntou a Paulo Filgueiras, que respondeu afirmativamente.

Ivo detalha, então, o que vai aqui resumido, sua passagem pelas unidades militares e pelo quartel da rua Barão de Mesquita, conhecido por ser um ninho de torturadores. Indagado sobre sua participação política, respondeu:

– *Nunca fui militante político-partidário. Participei dos movimentos contra a ditadura, fui à rua, a encontros, assembleias, quando assassinaram o estudante Edson Luís. Participei da criação do Sindicato dos Professores. Fui um dos fundadores da Associação Docente da Uerj. Mas a partido político, eu nunca*

fui filiado, embora tenha simpatia pela esquerda.

Mas, afinal, qual o crime que cometeu? O que foi ele viu?

VIU O POVO

"Na nova cartilha / Ivo viu a greve / Ivo viu o povo" como canta o poeta alagoano Ledo Ivo. Seu xará Barbieri abrigou em seu domicílio um casal perseguido pela polícia da ditadura, a pedido de Zélia, esposa de seu grande amigo Costa Lima. Sua residência foi invadida e vasculhada.

– *A Polícia do Exército descobriu no meu apartamento exemplar da revista americana Ramparts, que denunciava tortura no Brasil, além de alguns textos sobre a repressão. O interrogatório foi violento. Pau-de-arara, choque-elétrico, eu completamente nu. Duas sessões por dia, uma de manhã, durando cerca de duas horas, outra mais longa à tarde* – conta Ivo, que volta a indagar ao entrevistador:

– *Você não acha que estou demorando demais nessa passagem?*

Não. Não estava. Ele prossegue:

– *A experiência foi terrível, porque da minha cela escutava os gritos dos torturados. Choro, sofrimento, impiedade, desespero. Eles botavam em volume máximo músicas dessas bem barulhentas, para que os gritos dos torturados não fossem ouvidos na redondeza lá fora. Tais cenas nunca mais se apagaram da minha memória.*

Quando a coisa serenou um pouco – serenou é uma forma de dizer – Ivo tentou transmitir seu amor pela literatura a um militar graduado, que em um dos interrogatórios havia lhe dito, aparentemente conciliador:

– *Professor, agora chegou a hora do diálogo. Você é pública e notoriamente conhecido como comunista.*

– *Não. Eu não sou comunista. Nunca fui. Sou professor.*

Começou então a "falar da Literatura Brasileira, que era

a expressão da alma nacional". O milico. que não se mostrou interessado naquela aula, achou que Ivo havia baixado a guarda e perguntou à queima roupa:

– *Como é que você acolheu esse casal em seu apartamento?*

– *Imagine, a vizinha Zélia tinha duas crianças. Eu ia denunciá-la? Jamais!*

Ivo inventou, então, o nome de alguém que disse ter conhecido na cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) e com quem se encontrava todas as semanas para ver filmes. "Ah, no MAM onde todo mundo é comunista" retrucou o milico.

VIU O LIVRO

Depois da barra pesada, Ivo foi transferido para a Vila Militar, onde compartilhou a cela com um médico e um estudante de economia e depois para outra unidade do Exército, onde havia uns quinze ou vinte detentos, a quem chegou a dar aulas de francês. Reivindicaram usar a biblioteca. O comandante, que gostava de dar lições de moral, sapecou:

– *Leitura? Vocês podem ler os clássicos, esses que vocês acham que são quadrados como Eça de Queiroz. Mas só em português.*

E deu uma de sabichão:

– *Por exemplo, vocês podem ler O Capital. Agora, Das Kapital não podem, porque está em alemão.*

Preso por mais de três meses, Ivo foi finalmente solto: – *Ao sair do quartel, na porta estava a Teresa com o carro me esperando. Eu vim direto para morar com ela em Copacabana e depois nos casamos.*

Acontece que ele havia sido demitido de uma das instituições onde trabalhava "por abandono de emprego, sem indenização". Mas na Uerj foi diferente. A reitoria suspendeu o contrato e, quando voltou, foi readmitido imediatamente.

Um capítulo é dedicado à sua eleição para reitor, em 1987, e à sua gestão de 1988 a 1992, quando com uma equipe a quem ele rende tributo conseguiu transformar a Uerj de um escolão de 3º grau em uma universidade respeitada, democratizada, com suas bibliotecas renovadas, dedicada ao ensino, pesquisa e extensão, com cursos de pós-graduação consolidados e bem avaliados pela CAPES.

O nome Ivo está contido na palavra livro, uma ferramenta *"cheia de muitas letras e muitas palavras"*, como deplorou o Imbrochável a seus seguidores bozozóicos. Mas até mesmo encarcerado, tentou despertar na milicada o prazer da leitura, que se faz presente na memória da resistência à ditadura recuperada em *"Da Roça à Reitoria: Ivo Barbieri"*.

José Bessa Freire – Indigenista. Professor. Cronista, em www.taquiprati.com.br. O professor Bessa Freire é também Conselheiro da *Revista Xapuri*.

BIA DE LIMA, BIA DE LUTA:

PRESIDENTA DO SINTEGO E DEPUTADA ESTADUAL

Março nem chegou e nossa companheira
Deputada Bia de Lima
já entrou em campo em defesa da mulher goiana.
Em sessão extraordinária do dia 3 de fevereiro,
Bia apresentou à Alego projeto de resolução que cria a
Procuradoria da Mulher na Alego,
composta por uma deputada Procuradora Especial da Mulher
e pelas duas procuradoras adjuntas em cada Legislatura, para,
"zelar pela participação mais efetiva das deputadas nos órgãos
e nas atividades da Assembleia Legislativa."
Na mesma sessão, nossa Deputada Bia de Lima também propôs
a realização de sessão solene, no dia 30 de março, às 15h,
para celebrar o Dia Internacional da Mulher,
com a entrega da Comenda Berenice Teixeira Artiaga.
Instituída pela Alego em 1998, em reconhecimento à primeira mulher
a ascender ao Parlamento em Goiás, no ano de 1950,
a Comenda homenageia mulheres goianas
que se destacam em suas vidas e lutas.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

BANCO CENTRAL APOSTA NA RECESSÃO COM JUROS ALTOS E MOSTRA POR QUE NÃO PODE SER INDEPENDENTE

Cícero Pedrosa Neto

"É uma vergonha esse aumento de juros e a explicação que deram para a sociedade", denunciou nesta segunda-feira 6 o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em mais um duro ataque à política de juros altos imposta pelo Banco Central, que na semana passada manteve a taxa Selic em 13,75% apesar de a inflação ser de 4,39% em janeiro e estar projetada pelo Ipea em 4,9% no final do ano. Descontada a inflação, significa juro real de 7,5%, o maior do mundo.

Lula acusa o presidente do BC, o bolsonarista Roberto Campos Neto, de manter os juros altos de forma intencional para desestimular os investimentos no setor produtivo, impedir o crescimento econômico e assim prejudicar seu governo.

Esse descasamento de política e de visão econômica é uma das razões pelas quais a Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) sempre foi contrária à independência do Banco Central – um antigo sonho do mercado financeiro tornado realidade pelo governo Bolsonaro/Guedes em fevereiro de 2021.

Lula, que durante a campanha criticou essa decisão, voltou à carga na última semana, depois que o Copom (Comitê de Política Monetária, órgão do BC) manteve pela quarta reunião mensal consecutiva a taxa Selic em 13,75%. O presidente sinalizou que pode acabar com a independência do BC quando terminar o mandato da atual diretoria, em dezembro de 2024.

O presidente considera-se traído pelo BC, porque vinha conversando com a direção do banco e alegando que seu governo, com pouco mais de um mês no poder, não tem responsabilidade sobre o déficit fiscal e a inflação, as justificativas para o Banco Central aumentar os juros.

"O que acontece é que a gente conversava. Esse país está dando certo? Esse país está crescendo? O povo está melhorando de vida? Não. Então, eu quero saber de que serviu a independência. Eu vou esperar esse cidadão Campos Neto terminar o mandato dele para a gente fazer uma avaliação do que significou o Banco Central independente", disse Lula em entrevista à RedeTV!.

O BC respondeu com uma nota desafiadora, insinuando que a política de juros altos continuará até o final do ano. E nesta segunda 6, durante a cerimônia de posse do economista Aluizio Mercadante na presidência do BNDES, Lula deu a tréplica: "Não existe justificativa nenhuma para que a taxa de juros esteja em 13,50%. É só ver a carta do Copom para a gente saber que é uma vergonha esse aumento de juro".

A Fetec-CUT/CN também sempre foi contrária à independência do Banco Central, por entender que seu objetivo é garantir os ganhos do capital financeiro, mesmo às custas de sacrificar o desenvolvimento econômico que traga resultados positivos para a maioria da população. No ano passado, O Tesouro transferiu R$ 590 bilhões para os bancos e rentistas detentores da dívida pública federal.

"A chamada independência do Banco Central, que no Brasil sempre funcionou como um sindicato dos bancos, na verdade significa sua dependência do mercado financeiro", denuncia Cleiton dos Santos, presidente da Fetec-CUT/CN.

"Como está ficando bastante claro agora, por meio dessa independência do BC os financistas querem ditar a política econômica no lugar do governo democraticamente eleito pelo povo. E ainda por cima o BC no caso atual está nas mãos de um agente político ligado a Bolsonaro. Isso não é aceitável e exige uma resposta da sociedade para acabar com esse atentado à democracia", conclui Cleiton.

Cleiton Santos Silva – Presidente da Fetec Centro-Norte.

FETEC CUT Centro Norte

COMEMORAR O GOLPE DE 1964 É CRIME CONTRA A DEMOCRACIA

Emir Sader

Como parte do golpe contra a democracia, que incluiu o impeachment contra a Dilma, foram restabelecidas, especialmente por setores das FFAA, as comemorações do aniversário do golpe de 1964. Era uma medida coerente com a nova ruptura da democracia.

Já no novo processo de redemocratização, estamos perto de chegar a um novo primeiro de abril. Não cabe, nesse marco, nenhum tipo de comemoração de um golpe militar.

Comemorar o quê? Quem comemoraria?

Comemorar seria saudar o golpe militar, a ruptura da democracia, os anos mais negativos da história brasileira, marcados pela ditadura militar, pela repressão, pela tortura como forma sistemática de interrogatório, por mortes, desaparições e exílios.

Quem chega a comemorar quer isso de novo para o Brasil? Considera a ditadura melhor do que a democracia? Prefere que os militares ocupem o Estado de novo e dirijam o país? Prefere a censura em lugar da liberdade de expressão pelos meios de comunicação? Prefere eleições ou presidentes (na verdade, ditadores) nomeados pelos militares?

Seria uma comemoração dos retrocessos, a condenação da redemocratização do país. Na verdade, se constituiria em uma ação criminosa, um crime contra a democracia, um incentivo aos que querem restaurar uma ditadura no Brasil.

O ministro da defesa afirmou que terá que negociar com os militares a eventual comemoração do dia do golpe militar de 1964. Que tipo de negociação? O governo deveria proibir uma comemoração da ditadura ou negociar os termos em que poderia se dar uma comemoração do golpe militar de 1964?

O objetivo da direita é naturalizar o golpe, fazer com que seja uma data incorporada à história do Brasil, como as datas da independência, da República, entre outras. Descaracterizar a brutalidade do golpe e da ditadura militar. Que seja um período político da nossa história como outros períodos, os de caráter democrático.

Se poderia comemorar, se se fizer o que propõe um deputado do PT, de que se faça do dia 8 de janeiro o dia da luta contra o terrorismo. Comemorar o dia primeiro de abril como o dia da luta contra a ditadura.

Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

Foto: Alan Azevedo/ISA

HUMANIDADE E SUB-HUMANIDADE

Ailton Krenak

A situação envolvendo os Yanomami hoje, ela quase que vem como um trágico exemplo da minha afirmação de que que existe um clube da humanidade, que se beneficia com uma narrativa de que nós somos universalmente uma humanidade. E que somos, digamos, pelo menos do ponto de vista propositivo, iguais.

Só que esse clube é exclusivo. E tem uma sub-humanidade que nunca vai ser admitida nesse clube. Os Yanomami são uma parte dessa sub-humanidade. Assim como outras comunidades brasileiras, que são alvo de violência constante do aparelho do Estado, são também sub-humanidades.

Se não houver uma ação intensa do governo para isolar essas áreas [de garimpo], criando uma espécie de Tchernóbil, como uma zona fantasma, onde não pode ter gente, os Yanomami podem continuar sendo contaminados por mercúrio. Isso é uma imagem terrível.

Ou seja, mesmo depois que a gente tirar os garimpeiros de lá – se conseguirmos tirar todos esses miseráveis de dentro daquele território –, se ele fosse isolado imaginariamente, ainda ia restar uma bomba-relógio lá dentro, a contaminação por mercúrio nos cursos d´água.

Ailton Krenak – Escritor. Líder indígena. Excerto de matéria publicada na Folha de São Paulo, em 23.01.2023.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NECESSÁRIA PARA A SUSTENTAÇÃO DA VIDA

Iolanda Rocha

A temática da Educação Ambiental surgiu no início dos anos 1970, logo depois da Conferência de Estocolmo, que aconteceu em 1972. Em 1975, foi publicada a Carta de Belgrado, propondo a Educação Ambiental nas escolas dos países signatários da Carta.

No Brasil, o Plano Nacional de Educação Ambiental só foi elaborado em 1999. Os Planos Estaduais vieram um pouco mais tarde. O Plano Distrital de Educação Ambiental – PDEA do Distrito Federal, por exemplo, é de 2006.

Em se tratando de Educação Ambiental, alguns avanços foram conquistados nas escolas públicas do Distrito Federal, incluindo o *Currículo em Movimento*, pensado pela comunidade escolar em plenárias de discussões coletivas, e aprovado pela Secretaria de Educação. Entre os eixos transversais temáticos estão Educação para Direitos Humanos, Diversidade e Sustentabilidade.

Embora a Sustentabilidade devesse estar presente em todas as disciplinas como eixo transversal, ainda falta muito para que todas as escolas do Distrito Federal desenvolvam projetos interdisciplinares para esses estudos. Apesar da falta de incentivo do Estado, algumas escolas desenvolvem projetos relacionados com a temática.

Dentre essas, o CEF Boa Esperança em Ceilândia desenvolve o *Festival Eco Esperança*, criado para fomentar a discussão da necessidade de proteção do bioma Cerrado e da preservação e cuidados com o Planeta Terra.

A Escola Classe Lajes da Jiboia, também na CRE de Ceilândia, definiu para o ano de 2023 o projeto interdisciplinar *Escola, Comunidade, Vida e Futuro no Cerrado.*

A Escola Classe 303 de Samambaia já desenvolveu inúmeros projetos como o *Planeta Terra, Nossa Casa Comum* e, por último, o projeto *Minha Moda é Sustentável.*

Há mais de 20 anos, o Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte trabalha a conscientização dos alunos e das alunas com projetos voltados para preservação do bioma Cerrado.

Percebe-se, entretanto, a necessidade de mais apoio por parte da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Importante ressaltar que em 2022 foi promulgada a Lei 7.053, que inclui a *Semana do Cerrado* no calendário letivo das escolas do Distrito Federal.

Por outro lado, várias parcerias fortalecem o esforço das escolas.

Com a colaboração da Professora Rosângela Corrêa, da Faculdade de Educação da UNB, pode-se contar também com o Museu do Cerrado, que abriga um excelente arquivo ecopedagógico sobre o bioma Cerrado. Um potencial instrumento de formação de professores e de informações para toda a sociedade.

Várias escolas desenvolvem projetos com esta finalidade, e a *Revista Xapuri*, em parceria com o SINPRO/DF, divulga essas iniciativas na sua edição mensal.

O SINPRO/DF há tempos abraçou essa causa e, cada vez mais intensamente, vem protagonizando a luta pela formação continuada na área da Educação para a Sustentabilidade, e disponibiliza um espaço para formação e vivências dentro do bioma Cerrado: o Espaço Educador Chico Mendes e o Espaço de Convivência Caliandra, assim como várias trilhas e piscinas de águas correntes facilitam a convivência ecológica na Chácara do Professor. Vale uma visita!

Iolanda Rocha
– Ambientalista. Professora. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri.*

SINPRO
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL

MERECEMOS AINDA CONTINUAR SOBRE A TERRA?

Leonardo Boff

Reparando a situação da humanidade, da Terra viva, de seus ecossitemas, das relações entre as nações se guerreando militar ou economicamente, na África tribos se matando, cortando braços ou pernas, uma superpotência como a Rússia massacrando todo um povo parente, florestas sendo devastadas como na Amazônia e no Congo...

Quando acompanho os relatórios científicos de climatólogos dizendo que já passamos o ponto crítico do aquecimento e que não haverá mais retorno e que nem a ciência e a tecnologia não nos poderão mais salvar, apenas nos prevenir e, finalmente, dizem, radicalizamos o *antropoceno* (o ser humano é a grande ameaça à vida, estamos na sexta extinção de vidas), passamos pelo *necroceno* (morte em massa de organismos vivos) e chegamos agora ao *piroceno* (a era do fogo na Terra), talvez a fase mais perigosa para a nossa sobrevivência.

Os solos perderam sua umidade, as pedras se superaqueceram e folhas secas e gravetos começam a deslanchar incêndios pavorosos, como ocorreu em 2022 em toda a Europa, até na úmida Sibéria, na Austrália, na Califórnia e especialmente na Amazônia. E mais ainda, quando vejo que os chefes de estado e os dirigentes das grandes empresas (CEOs) ocultam tais dados ou não lhes dão importância para não prejudicar os negócios, estão cavando a sua própria sepultura.

Pior ainda quando a OXFAM e outros organismos nos mostram que apenas 1% da população mundial controla praticamente todo o fluxo das finanças e que possuem mais riqueza que mais da metade da população mundial (4,7 bilhões) e que no Brasil, segundo a FORBES, 318 bilionários possuem grande parte da riqueza em fábricas, terras, investimentos, em *holdings,* em bancos etc., num país no qual 33 milhões passam fome e 110 milhões se encontram em insuficiência alimentar (comem hoje e não sabem o que comerão amanha ou depois) e milhões de desempregados ou na pura informalidade, nos vem logo a irrefreável interrogação: nós humanos somos ainda humanos ou vivemos na pré-história de nós mesmos, sem termos nos descoberto como co-iguais, habitantes na mesma Casa Comum?

Com todas estas desgraças das quais ele, em grande parte, se fez responsável, merece ainda viver sobre este planeta? Ou a Terra mesma possui sua estratégia interna, como o coronavírus revelou: quando uma espécie ameaça demasiadamente todas as outras, ela dá um jeito de diminuir o seu furor ou mesmo eliminá-la para que as outras possam continuar a se desenvolver sobre so solo terrestre.

É nesse contexto que lembro a frase de um dos maiores brasileiros de nossa história, o Betinho, que muitas vezes em conferências dizia: o problema maior não é econômico, não é político, não é ideológicos, não é religioso. O problema maior é a falta de sensibilidade do ser humano com para com seu semelhante que está a seu lado. Perdemos a capacidade de termos com-paixão para com quem sofre, de estender a mão a quem pede um pedaço de pão ou um lugar para dormir em época de chuva torrencial.

A cultura do capital nos fez individualistas, consumidores e nunca próximos e cidadãos com direitos, muito menos nos concede sentir que somos irmãos e irmãs de fato por termos os mesmos componentes físico-químicos iguais em todos os seres vivos, também nos humanos.

Houve alguém que há mais de dois mil anos passou entre nós nos ensinando a viver o amor, a solidariedade, a compaixão, o respeito e a reverência face à Suprema Realidade, feita de misericórdia e perdão e, por causa destas verdades radicalmente humanas foi considerado um inimigo das tradições religiosas, um subversivo da ordem ética do tempo e acabou assassinado e levantado no alto da cruz, fora da cidade que era símbolo de maldição e do abandono de Deus. Ele sofreu tudo isso em solidariedade com seus irmãos e irmãs.

Até hoje sua mensagem permanece. Em grande parte foi traída ou espiritualizada para desvitalizar seu caráter transformador e para que mantivesse o mundo assim como está com seus poderes e infernais desigualdades. Mas outros, poucos, seguiram e seguem seus exemplos, sua prática e seu amor incondicional. Muitos desses por causa disso conhecem

o mesmo destino dele: a calúnia, o desprezo e a eliminação física. Mas é por causa desses poucos, creio eu, que Deus ainda se segura e não nos faz desaparecer.

Mesmo com essa crença, diante deste quadro sombrio me vêm à mente as palavras do livro do Gênesis: *"O Senhor viu o quanto havia crescido a maldade dos seres humanos na terra e como todos os projetos de seus corações tendiam unicamente para o mal. Então o Senhor se arrependeu de ter criado os seres humanos na terra e ficou com o coração magoado. Então o Senhor disse: vou exterminar da face da terra o ser humano que criei e com ele os animais, os répteis e até as aves do céu, pois estou arrependido de tê-los feito".* (Gn 6,5-7)

Estas palavras escritas há mais de 3-4 mil anos atrás parecem descrever a nossa realidade. Colocados no jardim do Éden (a Terra viva) para guardá-lo e cuidá-lo, o ser humano se fez sua maior ameaça. Não bastava ser homicida como Caim, nem etnocida, com a exterminação de povos inteiros nas Américas e na África. Fez-se ecocida, devastando e desertificando inteiros ecossistemas. E agora irrompe como biocida, pondo em risco a vida da biosfera e da própria vida humana.

Aqui cabe citar os relatórios cietíficos de uma grande jornalista norte-americana, Elzabeth Kolbert. Após escrever o premiado livro *A Sexta Extinção em Massa: uma história não natural*, acaba de publicar *O Céu branco:a a natureza do futuro* (ambos pela Intrínseca). Aqui descreve as tentativas desesperadas dos cientistas para evitar o desastre total como efeito do aquecimento global, pois cresce dia a dia; só em 2021 foram lançadas na atmosfera 40 bilhões de toneladas de CO_2. Esses cientistas propõem com a geoengenharia bloquear em grande parte o sol, para que deixe de aquecer o planeta. O céu ficará branco. Quais seriam tais consequências, especialmente para a biosfera, para a fotosíntese e para tudo o que depende do sol? Por isso essa tecnologia é questionada. Criaria amais problemas do que aquele que quer solucionar.

Termino com a observação de um dos maiores naturalistas Théodore Jacob, que escreveu um livro inteiro exatamente com esse título: *E se a aventura humana vier a falhar* (2000). A base de sua suposição é a terrificante capacidade destrutiva dos seres humanos, pois "eles são capazes de uma conduta insensata e demente; pode-se a partir de agora temer tudo, tudo mesmo, inclusive a aniquilação da raça humana" (edição francesa, p.246).

Sou um pessimista esperançado. *Pessimista* face à realidade perversa sob a qual vivemos e sofremos. *Esperançado* porque creio que o ser humano pode mudar a partir de uma nova consciência, e creio no Criador, que desta crise e eventualmente de uma ruína pode construir outro tipo de seres humanos, mais fraternos entre si e respeitosos da Casa Comum.

Leonardo Boff – Ecoteólogo. Escreveu *Habitar a Terra*, Vozes 2022 e, com Jürgen Moltmann, *Há esperança para a Terra ameaçada?* Vozes 2014.

A VIDA É DEZ!

Maria Rosa, João Miguel e Carlos Emanuel

A palavra ágil e leve, mas precisa e aguda, foi sua marca. Assim foi também sua vida, um percurso irrequieto, intenso e de pleno sentido...

Jaime nasceu em Joaçaba, Santa Catarina, em 1953, filho de descendentes de imigrantes italianos, poloneses e ucranianos. Catarinense de nascimento, se tornou goiano de coração, acolhido com títulos e homenagens em três cidades de Goiás.

Coroinha quando criança, na adolescência escreveu para um jornal da escola religiosa, tomando gosto pela palavra, que se tornaria sua ferramenta de trabalho e sua arma de luta.

Após rápida passagem como bancário em Curitiba, mudou-se para Brasília, sonhando formar-se jornalista. Logo nos primeiros períodos de faculdade, conseguiu emprego no Diário de Brasília.

Aos 20 anos, casou-se e emigrou para Londres, num dos períodos mais duros da repressão, onde trabalhou na BBC.

De retorno ao país, no final da década de 1970, passou por muitos veículos da imprensa escrita, como Movimento, Opinião, Folha de São Paulo, Veja, O Globo, Jornal de Brasília. Afinal, e mais tarde, O Pasquim.

Realizou reportagens investigativas memoráveis, do universo político aos mais diversos rincões.

Dirigiu duas emissoras de rádio da RBS em Brasília, a Alvorada-AM e Atlântida-FM, onde tiveram espaço da música caipira ao nascente rock de Brasília, além de programas como Os Cobras da Notícia.

Aprendeu a dedilhar a viola e a entoar canções, principalmente de Goiá, seu compositor preferido e autor de Saudade de Minha Terra, uma espécie de hino pessoal seu.

Integrou-se a diversos movimentos coletivos. Militou no PCdoB, participando do processo de redemocratização. Atuou no Sindicato dos Jornalistas. Foi um fiel corintiano e compôs o grupo que criou o bloco carnavalesco Pacotão.

No final da década de 1980, criou uma produtora de vídeo para apoiar a execução dos documentários que dirigiu, dentre eles: "Planaltina, a Via Sacra Nacional", "A Marcha dos Sem Terra", "Balbina, Destruição e Morte", pelos quais recebeu diversos prêmios.

No final do século passado, idealizou e participou da implantação do FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, que até hoje faz parte do calendário cultural da Cidade de Goiás (Goiás Velho).

Atuou por vários anos em organismos internacionais, como o Unicef, num programa de capacitação de radialistas sobre crianças e adolescentes, e no Conselho Mundial da Paz. Teve contribuição também como assessor no Governo do Distrito Federal, na Câmara dos Deputados (durante a Constituinte e a CPI CBF-Nike). Trabalhou também no Ministério do Esporte, durante a gestão do ministro Agnelo Queiroz, no governo Lula.

Sua obra literária é extensa, comportando obras de ficção, como "Mitaí", e obras documentais, como "A Guerrilha do Araguaia", "Albânia", "A Luta Armada no Brasil", "Os Descaminhos do Futebol" e, mais recentemente, biografias como a de "Cruls: Histórias e Andanças do Cientista Que Inspirou JK a Fazer Brasília", e "O Causo eu Conto", sobre o escritor goiano Bernardo Élis.

Dedicou-se também à poesia, inclusive no formato de cartazes.

No início dos anos 1990, foi um dos pioneiros a investir seu patrimônio para criar no Cerrado de Cristalina, em Goiás, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Linda Serra dos Topázios – sua morada até o fim.

Com vocação científica e acadêmica, ali foram desenvolvidos desde cursos de educação ambiental até eventos de astronomia, passando pela pesquisa da biodiversidade do Cerrado, que originou o livro "Flores e Frutos do Cerrado", guia de campo editado por ele, envolvendo cientistas, artistas e mestres locais.

Tudo em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) e outras instituições.

Nos últimos sete anos de sua vida, foi responsável editorial e redator da revista e portal Xapuri, veículo independente dedicado à defesa do meio ambiente, dos direitos humanos e da democracia. Foi, também, articulista do Portal Vermelho e, mais recentemente, lançou seu próprio blog, SerTão Cerratense.

Forte em seus princípios e amplo em seus diálogos, transitou entre regueiros e comandantes do Exército, entre ruralistas e trabalhadores sem-terra.

Hábil comunicador, foi incansável na busca da verdade, na defesa do meio ambiente, dos trabalhadores, da soberania nacional, dos direitos dos povos indígenas, e das crianças e dos adolescentes.

Sua vida fluiu até o último minuto como corria sua pena – clara e precisa, qual uma flecha apontando para o valor atemporal do seu legado.

Filhos, foram três. Livros, escreveu dezesseis. Árvores, não só plantou como protegeu toda uma reserva.

Valeu demais da conta, Jaiminho. Pra você, a vida foi dez!

Maria Rosa, João Miguel e Carlos Emanuel – Filha e filhos de Jaime.

NOTA DA REDAÇÃO: O jornalista Jaime Sautchuk partiu deste mundo no dia 14 de julho de 2021. Sem Jaime, não existiria a Revista Xapuri. Editor-chefe criterioso, ele teria se embrenhado na cobertura da tragédia humanitária dos Yanomami e, certamente, teria passado horas buscando a melhor capa para esta nossa edição 100 que, com total certeza, seria assinada por ele. Esta centésima Xapuri é, então, um presente pra você, Jaime. Gratidão, sempre, pelo mais lindo dos legados que você nos deixou: A Vida é Dez!

4ª PLENÁRIA INTERCONGRESSUAL PROFESSOR JOÃO FELÍCIO

RECONSTRUIR O BRASIL COM AS EDUCADORAS E EDUCADORES DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Centro de Convenções Ulisses Guimarães | **17 a 19 de março de 2023**

PROGRAMAÇÃO

17/03 - 14h às 22h - Credenciamento

17/03 - 18h - Abertura

17/03 - 19h - Painel Conjuntura Nacional e internacional

Palestrante: Luis Nassif, jornalista

18/03 - 8h às 12h - Credenciamento

18/03 - 8h30 - Painel Conjuntura Educacional

Palestrantes: Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas (Unicamp) e Prof.a. Teresa Leitão, Senadora

18/03 - 11h - Painel Conjuntura Sindical

Palestrantes: Representantes das Centrais Sindicais

18/03 - 15h - Trabalhos em Grupo

19/03 - 9h - Plenária Final

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação www.cnte.org.br Brasil

Filiada à CUT Brasil

Internacional da Educação

CEA

FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

REVISTA

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

100 EDIÇÕES
1000 GRATIDÕES

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

XAPURI
CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.
VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **360**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **600**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE